

O Organizador Operário Internacional

Porta-voz da Fração Leninista Trotskista Internacional - Nova Época



Parte 1
Vol. 2

Setembro 2010 - Valor R\$ 2,00 / Solidário R\$ 5,00

RESOLUÇÕES DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

As massas levantaram-se e lutaram contra o ataque dos capitalistas e seus governos, o saque do imperialismo e suas massacres contra revolucionárias



Madagáscar

Uma revolução cercada pelo imperialismo, a burguesias nativas e as direções traidoras



Palestine

DECLARAÇÃO DE EMERGÊNCIA

Sobre a massacre do Estado Sionista-fascista do Israel, agente do açougueiro Obama

A LUTA DE CLASSES NO SUL DA ÁFRICA

Uma revolução cercada pelo imperialismo, a burguesia nativa e as direções traidoras



África: um continente em disputa aberta por parte das diferentes potências imperialistas

Sob os golpes da crise da economia mundial que como ondas de um tsunami não deixam de suceder se, Madagáscar se converteu -como o conjunto do mundo colonial, semicolonial e da África em particular-, num território de ferozes disputas inter-imperialistas pelo controle das fontes de matérias primas, do petróleo, da terra, dos mercados, da mão de obra barata, dos minerais, das pedras preciosas etc., que não fazem senão aprofundar em graus inacreditáveis a espoliação dessas nações por parte dos piratas imperialistas.

Os Estados Unidos mantém uma feroz disputa com as demais potências imperialistas sobre o território africano. É que todas as potências imperialistas procuram ficar para si com a maior parte

do negócio da espoliação do continente, pelo qual não só não estão dispostos a ceder nem uma pequena parte do terreno conquistado nesse território, senão que cada um vai por mais em detrimento das outras, e isto é o que explica a feroz disputa que existe entre Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Japão, expressa nas alianças e confrontos de todos com todos e de todos contra todos.

Foram essas disputas entre Ravalomanana, o então presidente do país agente do imperialismo ianque e Rajoelina, o prefeito de Antananarivo (1), agente do imperialismo francês as que abriram as brechas nas alturas pelas quais irromperam o proletariado e as massas, dando início à revolução na ex-colônia francesa de Madagáscar em 2009.

É que enquanto estes açougueiros locais discutiam como presentear as riquezas da ilha a seus amos imperialistas, os explorados, os camponeses e as massas em Madagáscar eram submetidos à fome e à pobreza mais extrema.

Os 70% da população vive sob a linha de pobreza, os trabalhadores das minas de cromo e outros minerais em mãos de consórcios imperialistas, em particular japoneses, são super explorados, tal como o são os trabalhadores das maquiladoras instaladas nas chamadas zonas francas. Os camponeses vivem em pequenas parcelas de terra sem títulos de propriedade, conquistadas graças à luta anti-colonial e à expulsão dos fazendeiros franceses; ali podem cultivar mal o suficiente para auto abastecer se.

Por isso, as decisões de Ravalomanana foram as que precipitaram o começo da revolução. As massas sublevadas desde janeiro de 2009 saquearam e queimaram com justiça em todo o país as grandes lojas e supermercados propriedade de Ravalomanana, rico empresário dono de o consórcio agro alimentar chamado Tico.

Este agente ianque foi quem criou as zonas francas onde se instalaram maquiladoras de empresas imperialistas –alemãs entre

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

WEB:

www.democraciaobreira.org

BLOG:

<http://conscienciaeluta.blogspot.com>

MAILS:

varnguarproleta@hotmail.com
ftinternational@ymail.com

outras-, e ampliou os contratos de exploração das minas e grandes extensões de terras a consórcios imperialistas não franceses.

Foi Ravalomanana o que de fato “alugou” Madagascar por 99 anos ao consórcio imperialista ianque-coreano do sul Daewoo Logistics. Em novembro de 2008, este laçao tinha assinado um acordo pelo qual entregaria a esse consórcio imperialista cerca de 1.300.000 hectares –um área que corresponde por exemplo, à metade de Bélgica!!– até o ano 2117. Para que este consórcio plantasse ali palma e milho com destino à produção de bio-combustíveis e à exportação a Coréia do Sul, grande consumidor de milho. E tudo isto em troca do compromisso de investir “6.000 milhões de dólares” e “de criar 70.000 postos de trabalho”, isto é a mudança de algumas miseráveis promessas a futuro.

Frente a estas medidas, o imperialismo francês, que considera Madagascar como “sua” semi-colônia, estourou em cólera porque seus competidores ianques lhe estavam roubando uma parte de seus negócios. Assim, comprou-se a Rajoelina e à fração da burguesia que este representava e com os quais um consórcio francês estava negociando a compra de Nosy Hara e Mitsó, duas ilhas malgaxes completas, para o negócio do turismo e a construção de luxo.

E estas foram as disputas inter-imperialistas que dividiram a burguesia malgaxe em duas frações, uma sócia menor dos ianques e outra que procurava ser sócia menor do imperialismo francês.

Por essa brecha dos de cima, em fins de janeiro se iniciou uma crise revolucionária nas alturas por onde terminaria de colocar-se o justo ódio e o combate revolucionário e antiimperialista das massas malgaxes.

As massas ao conhecerem este plano sinistro do imperialismo, e as primeiras tentativas de expulsão dos camponeses terminaram protagonizando uma sublevação generalizada dos camponeses pobres defendendo suas terras das garras do imperialismo. Durante os primeiros meses do 2009 os camponeses desenvolveram uma luta duríssima em defesa de suas terras, que foi respondida por parte do governo de Ravalomanana com uma repressão brutal. Assim, por ter recusado ceder suas terras a um industrial que queria estender seu parque de atração, treze camponeses foram condenados a morte enquanto outros foram condenados a doze anos de trabalho forçado. Sublevação que confluiu com a luta da classe operária e os explorados das cidades contra a escravatura, os salários de fome e a carestia da vida, a que são submetidos pelas multinacionais nas maquilas das zonas francas. Os explorados foram procurar o alimento para seus filhos onde este se encontrava: nos supermercados que pertenciam a Ravalomanana e nas grandes cadeias imperialistas. Nessa ação revolucionária, com um certo instinto de classe, as massas compreenderam que só se pode conseguir o pão se têm as armas! Porque o proletariado e as massas malgaxes não podiam resolver as mais elementares demandas como a terra, o pão e a independência nacional sem derrotar a Ravalomanana e à burguesia nas ruas. Assim foi que se armaram, derrotando à polícia e a guarda presidencial nas ruas chegando a dividir horizontalmente o exército, entre sua base e a casta de oficiais.

Assim, o motor da revolução malgaxe foi a luta pela terra, pelo pão e pela independência nacional contra a brutal espoliação imperialista.

O proletariado e os explorados malgaxes, vanguarda da luta pela revolução operária e socialista na África martirizada

Durante os primeiros meses de 2009, as disputas entre o presidente Ravalomanana, representante dos interesses do imperialismo ianque e Rajoelina, gerente do imperialismo francês, adquiriram um caráter agudo. Pelas brechas abertas nas alturas, começaram a intervir as massas, com combates de rua, manifestações, greves gerais e confrontos com a odiada polícia e a guarda presidencial de mercenários que assassinaram mais de 100 mártires dos explorados. Os operários malgaxes ultrapassaram as direções da Confederação de Trabalhadores Malgaxe, CTM, que acusava os operários e camponeses sublevados de “vândalos” (tal como fez a Confederação de Trabalhadores Argentinos, CTA, o 20 de dezembro de 2001 quando as massas na Argentina iniciavam sua revolução nesse lugar do continente latino americano).

A ação decisiva das massas malgaxes sublevadas, que terminaram pendurando os cadáveres da odiada polícia das árvores e lampiões de Antananarivo, demonstrou aos soldados que os operários e camponeses pobres estavam dispostos a ir até o final e foi o que finalmente lhes deu a confiança para desobedecer aos oficiais e negar-se a reprimir o povo. Este foi o momento crítico no dizer de Trotsky: *“que o desarmamento dos faraós se converte na divisa geral. Os policiais são os inimigos cruéis irreconciliável, odiado. Não há que nem pensar em ganhá-los para a causa. Não há mais remédio que os açoitar ou matá-los. (...) a hora crítica do contato entre a massa que ataca e os soldados que lhe saem ao passo, tem seu minuto crítico: é quando a massa cinza não se dispersou ainda, mantém-se firme, e o oficial, jogando a última carta, dá a ordem de fogo. (...) as espingardas se movem, a multidão avança. O oficial aponta com seu revólver ao soldado mais suspeito. Soou o segundo decisivo do minuto decisivo. (...) no instante crítico, quando o oficial se dispõe a apertar o gatilho, surge o disparo feito desde a multidão. (...) e isso basta para decidir não só a sorte daquele momento, senão talvez a de toda a jornada e ainda a de toda insurreição. (...) o caminho a espingarda do soldado passa pelo revólver arrebatado ao faraó”* (História da Revolução Russa, L.T.)

Assim o 8 de março de 2009 começava em Madagascar uma enorme revolução de operários, camponeses pobres e soldados. Tratou-se de uma revolução clássica na qual a heróica ação revolucionária das massas pôs em pé organismos armados de autodeterminação dos operários e camponeses pobres, dividiu o exército, juntou-se aos soldados rasos, derrotou à polícia nas ruas, abalou o estado burguês, derrocou a Ravalomanana e abriu em Madagascar um regime de duplo poder, com as massas armadas, com os soldados sublevados controlando a principal base militar e todo seu arsenal.

Durante mais uma semana, do 8 ao 18 de março, não teve governo em Madagascar. A cúpula das Forças Armadas se manteve à margem, esperando um acordo entre as duas frações burguesas, mas como esse acordo não chegou a concretizar-se, terminaram passando ao bando de Rajoelina, já que viam com mais possibilidades de conter às massas sublevadas e armadas e como o melhor fiador para salvar o conjunto da propriedade e o domínio burguês. Ravalomanana renunciou a 16 de março, permitindo assim que assumisse Rajoelina superando o vazio de poder que tinha durado mais de uma semana. O proletariado, o camponês pobre e os soldados rasos, que tinham conquistado nas ruas uma verdadeira aliança revolucionária de classes, não puderam tomar o poder pela

crise de direção revolucionária. Ante a ameaça que pendia sobre o poder e a propriedade da burguesia o imperialismo ianque teve que aceitar a contragosto o governo do agente do imperialismo francês Rajoelina, que se apropriou, no momento, da ação revolucionária das massas.

No entanto, enquanto a burguesia conseguiu fechar momentaneamente as brechas nas alturas, pondo as disputas inter-imperialistas num segundo plano ante a ameaça da revolução, não conseguiu ainda tirar às massas de cena impondo-lhes uma derrota histórica. O proletariado e os camponeses que derrotaram nas ruas à polícia e à guarda presidencial, seguiam organizados e armados, não conseguindo ainda o governo recompor definitivamente a cadeia de comandos do exército.

Portanto existiam dois poderes em Madagascar: um, o debilitado governo de Rajoelina apoiado no imperialismo francês, o que responde a cúpula das forças armadas- que se tinham passado a seu bando, mas que não controlavam seus próprios soldados junto à burocracia sindical da CTM, que menos ainda controlava os trabalhadores, governo que nem sequer tinha sido reconhecido como legítimo pelas potências imperialistas e os governos africanos; o outro, o poder dos operários, dos camponeses pobres e dos soldados. Um poder dual, “não legal”, mas mais mil vezes legítimo ante os olhos das massas.

Mas todo regime de duplo poder é instável, está condenado a uma curta duração. Ou as massas tomam o poder destruindo o aparelho do estado da classe inimiga, ou o recupera a burguesia. Como dizia Trotsky em 1936: *...”se produziram uma série de revoluções que significaram brilhantes vitórias: na Rússia, na Alemanha, na Áustria-Hungria, mais tarde na Espanha. Mas foi só na Rússia onde o proletariado tomou plenamente o poder em suas mãos, desapropriou aos seus expropriadores e graças a isso soube como criar e manter o estado operário. Em todos os outros casos o proletariado apesar de sua vitória se deteve, por causa de sua direção, na metade do caminho. O resultado disto é que o poder escapou de suas mãos e deslocando-se de esquerda a direita, terminou sendo o troféu do fascismo. Numa série de outros países, o poder caiu em mãos de uma ditadura militar.... O conflito se resolveu com as armas na mão.” (Leon Trotsky, “A onde vai França?”).*

Se o imperialismo e a burguesia nativa puderam conter, no momento, a ofensiva das massas impondo um governo burguês de mudança, como o é o do agente do imperialismo francês Rajoelina, não foi pela falta de disposição à luta dos operários, camponeses e soldados malgaxes. Foi a existência de inúmeras direções contra revolucionárias em todo o continente africano, bem como nas metrópoles imperialistas, as que impuseram um cerco econômico, político e militar à revolução malgaxe. E que pela ausência de um partido revolucionário internacionalista que desse a luta nos organismos de auto-determinação do proletariado e das massas em luta e as pudesse dotar do programa e da direção que precisavam para triunfar. Como disse Trotsky, no programa de fundação da IV Internacional, *“a crise histórica da humanidade se reduz à crise de direção revolucionária do proletariado”*.

O stalinismo, o castrismo e os renegados do trotskismo, que desde as frentes populares como na África do Sul e no de Zimbábue e apoiando os governos nacionalistas burgueses em outros países da África, foram os aliados fundamentais do imperialismo para impor este “cerco” contra revolucionário à revolução malgaxe. São eles os que desde o governo de frente popular na África do Sul ou desde o parlamento e as comissões da constituinte no Zimbábue,

os que ataram o proletariado do sul da África, dividindo-os país por país e submetendo-os cada um a sua própria burguesia nacional, sócia menor de tal ou qual potência imperialista. São os que portam um arma tanto ou mais poderosa do que os canhões e as espingardas para achatar ao proletariado e às massas de Madagascar: o isolamento, país por país da classe operária e os camponeses pobres da África.

E uma menção aparte merecem os renegados do trotskismo, quem jogaram um papel nefasto nesta



Rajoelina, o novo presidente

revolução, pois eles são os responsáveis por ter isolado a luta revolucionária das massas malgaxes. Nesse mesmo março de 2009 na França os trabalhadores da Continental estavam em greve contra as demissões em massa e nessa fábrica de pneus e na Sony, na Caterpillar os trabalhadores tomaram como reféns aos patrões por que não estavam dispostos a aceitar ser jogados como cachorros nem ser eles os que pagassem os pratos rompidos da crise econômica mundial que a burguesia imperialista francesa lhes queria fazer pagar. E nesse mesmo momento nas Antilhas, Guadalupe, Martinica e na Ilha da Reunião, ilha que se encontra junto a Madagascar uma grande greve geral sacudia estes estados de ultramar da V Republica; ali os trabalhadores protagonizaram um gesto heróico com suas lutas para exigir que se cumpra o acordo de uma subida nos salários de 200 euros e a baixa de preços que tinham subido de forma escandalosa. Nas Antilhas os renegados de Lutte Ouvriere dirigem sindicatos, como assim também na França contam com uma corrente sindical importante; no entanto, negaram-se a unificar a luta dos trabalhadores franceses com a dos trabalhadores das colônias, o que não teria isolado à revolução em Madagascar muito ao contrário!

Assim terminaram levando esta situação explosiva das ex colônias francesas e das metrópoles a uma greve geral de pressão controlada totalmente pelas centrais sindicais francesas, que lembraram chamar a este dia de desemprego, convidando a que participe nas manifestações de Paris a um representante das ex colônias! Greve que foi feita para descomprimir, dividir e evitar que se aprofundasse a luta dos trabalhadores e não se transformasse em auge revolucionário como no 68/74. E se pelas dúvidas esta traição não atingia para colocar os trabalhadores aos pés da V República, o candidato do Novo Partido Anticapitalista, Bensancenot foi a Guadalupe pessoalmente, para aplacar a voz dos trabalhadores dizendo-lhes que os contribuintes franceses não podiam assumir o encargo dos 200 euros que pediam que devessem demandá-los a seus patrões nas Antilhas. Canalhas! Tudo isto demonstra que os renegados do trotskismo do Lambertismo e o NPA, são um partido a mais da aristocracia operária francesa.

O papel destas correntes, lacaios da burguesia imperialista francesa, é salvar-lhe seus interesses, já que a luta de Guadalupe, Martinica e Madagascar só se podia e se pode resolver efetivamente

com o triunfo da revolução operária e socialista em França e em toda a Europa imperialista. Foram junto às direções contra revolucionárias do stalinismo, os que se encarregaram de cercar Madagáscar, para separar às massas malgaxes do combate revolucionário de todo o proletariado africano. Assim o fazem em Zimbábue, submetendo à classe operária aos pés de Mugabe, ou como na África do Sul, aos pés do CNA. Esses são os cercos que lhes impuseram às massas para derrotar a revolução em Madagáscar!

O temor à revolução une à burguesia imperialista ianque e francesa: um pacto contra revolucionário para salvaguardar suas propriedades e seus negócios

O que une os parasitos imperialistas ianques e franceses é o temor à revolução malgaxe, porque esta põs em questão a propriedade e os negócios do conjunto da burguesia imperialista, não só na ilha, como em todo o continente africano. Para salvaguardar seus interesses como classe dominante eles darão a vida para impedir que a revolução malgaxe triunfe.

Os monopólios imperialistas estendem seus negócios em toda África, além das fronteiras, imbricando o conjunto das economias “nacionais” numa só economia continental. É por isso que têm como estratégia contra revolucionária concentrada esmagar toda revolução que se de no continente africano; porque se esta avança e triunfa em Madagáscar ou em qualquer outra nação da África, imediatamente poria em perigo o conjunto de suas propriedades, seus negócios e seu domínio não só na ilha como em todo o continente.

Em Madagáscar não teve um golpe de estado, como quer fazer ver a imprensa burguesa. Não foi o agente do imperialismo francês, Rajoelina, o que destituiu a Ravalomanana. Foram as massas insurrectas com suas ações decisivas as que colocaram abaixo ao governo, abalando o regime e o estado opressor em Madagáscar e fazendo fugir a Ravalomanana como um rato ao exílio. E é isto justamente o que o imperialismo quer ocultar às massas: o fato de que em Madagáscar há uma revolução em curso.

A burguesia imperialista não podia permitir por muito tempo a permanência deste regime de duplo poder armado que impuseram às massas insurrectas, estava aterrorizada. Perigava sua estratégia de espoliação neste continente! É que precisam esse enorme reservatório de mão de obra e fundamentalmente, de matérias primas para abastecer a seus monopólios instalados em China, cujo governo compra a preços internacionais e depois se os proporciona subsidiados pelo estado.

Mas para a burguesia imperialista é uma questão de vida ou morte estrangular a esta heróica revolução, já que a mesma questiona sua existência como classe dominante. Por isso, precisa parar às massas insurrecionadas e restabelecer a disciplina no exército, fraturado pela passagem dos soldados rasos, com suas armas, junto a seus irmãos de classe os operários e camponeses.

Os soldados armados, que romperam a cadeia de comando do exército, ainda tinham as armas! E as massas através desta experiência, compreenderam que a única forma de ter o pão, a terra, saúde, educação etc., é apropriando-se das armas. Estados Unidos, perdedor nesta contenda ante França, para reconquistar os negócios que tinha perdido Ravalomanana estava impedido, nesse momento de lançar um ataque contra o povo malgaxe, já que poderia ter provocado que as massas famintas de toda África se levantassem em defesa de seus irmãos malgaxes numa luta revolucionária na África central e do Sul. E o imperialismo não quer ser parteiro de revoluções, já que poria em risco todos os negócios no continente.

Não é este o palco que queria ou que mais lhe convinha aos Estados Unidos. Pelo contrário, sua consciência de classe é tão perversa, que inclusive preferiu deixar, pelo momento, em mãos de Rajoelina, agente do imperialismo francês a administração de todos os negócios de Madagáscar, até tanto as massas sejam tiradas definitivamente de cena. E no momento em que ardia Madagáscar, o único que podia garanti-lo, era justamente Rajoelina, que tentava legitimar seu governo ante as massas, aparecendo como um governo mais benevolente do que o de Ravalomanana. Por isso, entre galos

e meia-noite, se auto-designou presidente de transição de Madagáscar, decretou a dissolução do parlamento, prometeu eleições dentro de um prazo máximo de dois anos, tentando assim conter às massas e legitimar sua nova investidura presidencial ante elas.

Então, o homem forte do imperialismo francês, Rajoelina, inclusive rompendo os acordos de Maputo (Moçambique) - onde as diferentes frações da burguesia imperialista negociaram durante dois meses, sua porção de poder no governo de transição (governo de unidade

nacional)- nomeou o coronel Camile Vital, seu aliado no exército, como Premiê. Que certa consciência de classe a da burguesia imperialista! Sabem que a primeira tarefa é recompor as forças armadas, pilar fundamental do estado burguês, que tinha sido abalado pelas massas insurrectas. Para isso, Rajoelina nomeou este militar “democrático”, no cargo de premiê. É que precisava imperiosamente desarmar as massas e recompor a cadeia de comando do exército, ante a possibilidade de um novo embate revolucionário das massas malgaxes, inclusive preparar jornadas contra revolucionárias para esmagar e não deixar nada em pé da luta revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres.

É que o imperialismo, como toda burguesia consciente de sua classe, aprendeu a lição das revoluções do século XX e começou



do século XXI, desde a revolução russa de 1917 até a revolução boliviana de 2003-2005. É por isso que, como parte de sua política de esmagar a revolução malgaxe, recrutaram as direções contra revolucionárias, agrupadas no Foro Social Mundial e agora na V Internacional de Chávez, a burocracia restauracionista cubana, os mandarins vermelhos, o PC da África do Sul, etc., para que joguem seu papel de enfermeiros do capitalismo. Disposto a cumprir com esse papel, o stalinismo envenena a consciência das massas dizendo-lhes que é Rajoelina quem lhes garantirá o pão, a comida, a terra, e que por isso há que o apoiar. Canalhas! Desta forma só preparam o caminho ao desarmamento total das massas, à liquidação dos organismos de duplo poder armado e à recomposição da cadeia de comando do exército.

O imperialismo ianque espera para dar o bote assim que o governo de Rajoelina tire o proletariado e às massas de cena, dissolva os organismos de duplo poder e reconstitua a disciplina nas forças armadas para, uma vez derrotada a revolução, iniciar novamente toda sua ofensiva nas disputas com o imperialismo francês.

Por isso, é hoje a União Africana a que, como agente direto do imperialismo no continente, aplica a política mais agressiva, impondo diferentes sanções: Madagáscar foi expulso da UA nos 2009, congelaram-se os programas de ajuda ao desenvolvimento, que o FMI estima que representam até mais de 50% do orçamento nacional. Os sinais do colapso econômico são importantes, estimam-se em 230 mil os postos de trabalho perdidos, os investimentos estrangeiros caíram fortemente e o comércio está diminuindo. No setor privado se produziu uma diminuição entre um 60 e 70% da produção, o déficit comercial se quadruplicou nestes 2 anos. E em meados de março de 2010, a UA impôs sanções à elite governamental. Todas estas medidas foram tomadas para obrigar a Rajoelina que aceite compartilhar o governo com os outros três partidos burgueses, a fim de impor um governo de unidade nacional de transição para as eleições, tentando fechar as brechas nas alturas para que não se reabra a revolução e assim poder dividir-se entre as diferentes facções da burguesia os negócios da ilha. Pelo que Madagáscar hoje, a um ano dessa heróica ação de massas, esta cercada por um boicote de Estados Unidos, Canadá, a União Européia, a UA e por todos os países que lhe prestavam subsídios. Inclusive a França, que soltando-lhe a mão de Rajoelina e enviando, em 2 de abril de 2010, servidores públicos do ministério de relações exteriores à ilha, para que volte aos acordos de Maputo que este rompeu em dezembro de 2009. Já que não pode permitir que Rajoelina, como homem forte de Madagáscar, se convertesse num novo Chávez, um burguês rasteiro que pechinche ao imperialismo francês mais migalhas do enorme saque do que esta realiza.

Enquanto, com a cumplicidade das burguesias nativas de todo o continente e com o stalinismo e os renegados do trotskismo dando cobertura pela esquerda ou integrando as frentes populares de África do Sul e Zimbábue, impõe a fome as massas, submetê-las e depois impor-lhe pactos contra revolucionários, e extorqui-las para que estas se submetam ao poder da burguesia imperialista e se não o fazem, se as massas não se subordinam, recorrerá a guerras fratricidas tal como o faz na República Democrática do Congo massacrando milhões de trabalhadores. Ou o fascismo para atacar os setores mais explorados da classe operária. Como o fez na Europa com os imigrantes africanos, asiáticos e do Leste europeu, como primeiro passo para atacar diretamente o setor “privilegiado” do proletariado das potências européias. Já começou a fazê-lo em Rosarno, Calabria, Itália onde trabalhadores imigrantes africanos colhedores de laranjas e tangerinas que se levantaram contra suas condições de trabalho foram atacados por bandos fascistas, pelo

que imediatamente iniciaram uma revolta que durou 18 horas, enfrentando à polícia com pedras e paus.

O imperialismo, as burguesias nativas, o stalinismo, o castrismo, com a cobertura “pela esquerda” dos renegados do trotskismo, impõem um cerco à revolução malgaxe

Desde fins de 2008, na Grécia, e em 2009 em Guadalupe e sobre tudo Madagáscar, foram os primeiros embates da contra-ofensiva de massas contra os golpes lançados pela burguesia para descarregar sobre os explorados os custos da crise: uma verdadeira “operação chumbo fundido” em nível mundial. Os monopólios imperialistas recrutaram às direções contra revolucionárias para que, desde o seio das organizações operárias e de massas, contribuíssem para impor um cerco que termine de desviar, abortar, expropriar e derrotar esses processos revolucionários dos quais o de Madagáscar foi o que chegou mais longe, dividindo ao exército e abalando todas as instituições do regime burguês semi-colonial.

Desde o Forum Social Mundial primeiro e agora desde a V Internacional de Chávez e os “mandarins vermelhos” do Partido Comunista Chinês, o stalinismo e o castrismo, o anarquismo e os renegados do trotskismo, puseram e põem tudo de si para salvar os interesses do imperialismo com sua nefasta política de colaboração de classes com seus sócios menores das burguesias nativas das colônias e as semi-colônias. Assim vimos atuar esse agente da V República Francesa, o NPA, indo a Guadalupe a ser porta voz das palavras de Sarkozy; dizendo que não iam ser os contribuintes franceses os que pagariam o aumento de 200 euros conseguido com as lutas revolucionárias e escondendo que a única saída para conseguir até a mais mínima das demandas é a independência nacional e a coordenação com o proletariado das metrópoles, quem têm atada sua sorte ao proletariado colonial e semi-colonial.

No continente africano, foram o stalinismo e o castrismo e os renegados do trotskismo, centralizados nessa verdadeira internacional contra revolucionária, os que não só deram apoio, senão que, como em Zimbábue, fizeram parte como ala esquerda do MDC -partido burguês que hoje co-governa com o Zanu-PF de Mugabe-. Assim, as direções contra revolucionárias, o stalinismo, o V internacional de Chávez, Fidel Castro, com a ajuda dos renegados do trotskismo, impediram que se desenvolvessem processos revolucionários em todo o continente negro, contribuindo dessa maneira para impor um cerco, para deixá-la totalmente isolada de seus irmãos de classe do continente africano e dos países imperialistas. Desta forma evitaram que esses processos revolucionários vingassem de imediato e reavivassem as chamadas da revolução malgaxe.

Mas este papel contra revolucionário do castrismo e do stalinismo na África não é novo. Quando o ensaio geral revolucionário de 1968/74 nos centros imperialistas impulsionou uma vez mais o levantamento das massas africanas, o levantamento revolucionário em Angola provocou a abertura da revolução portuguesa em 1974.

Na África, o castrismo com suas tropas formava “alas esquerdas” nos partidos exércitos dos movimentos de libertação nacional burgueses como o FRELIMO de Moçambique, o MPLA de Angola, o SWAPO de Namíbia e o CNA na África do Sul. Para só dar um exemplo do papel contra revolucionário destas direções

contra revolucionárias, enquanto em Portugal se encarregavam de romper a cabeça dos Comitês de Inquilinos da revolução, em Angola ombro a ombro com o regime stalinista do MPLA, regime que contava com o apoio de Cuba e da URSS, deixavam que a Gulf Oil Company extraísse petróleo na província de Cabinda, pagando impostos ao governo de Agostinho Neto do MPLA, imposto que o governo utilizava para pagar-lhe às tropas cubanas; enquanto, grupos comunistas independentes eram massacrados pelo stalinismo.

Quando foram derrotadas as tropas portuguesas em Angola e caía o governo branco em Moçambique, os castristas passaram a ser parte integrantes nos governos dessas nações junto à burguesia nativa, expropriadora da luta revolucionária das massas.

Na África do Sul os levantamentos cresceram em profundidade a partir das greves de Durban em 1973 as greves gerais de 1976, os levantamentos estudantis e operários em 1976 e 1980, o começo das formações operárias independentes desde os inícios dos 80 até os levantamentos de massas desde 1985 até 1989, onde as relações capitalistas imperialistas foram sacudidas até seus alicerces e existia uma situação pré-revolucionária na qual o imperialismo esteve em perigo de perder tudo.

Mas ali estava Mandela, que já desde o cárcere chamando a terminar “com os rancores”, transformou-se no pai da contra revolução no continente africano. Junto ao Congresso Nacional Africano e à burguesia negra, não só contiveram a luta revolucionária na África do Sul, senão que abortaram a possibilidade de que se estendesse a todo o continente, o que imediatamente teria repercutido nas respectivas metrópoles imperialistas. Foi sob o disfarce de um regime democrático e de uma república negra (burguesa), que a frente popular, impulsionada pelo stalinismo e o castrismo, manteve e acrescentou as relações de super-exploração não só na África do Sul, como em toda a África negra, onde envia suas tropas pretorianas como instrumento fundamental para proteger as operações imperialistas.

Quando em março de 1988 o exército da Angola junto a 40 mil soldados cubanos, derrotou o exército sul-africano de Cuito Cuanaval, negaram-se a avançar além da fronteira com a Namíbia. Isto sucedeu no mesmo momento em que se dava o ponto mais alto do levantamento da classe operária sul-africana contra o estado do Apartheid. A política stalinista alentou a SWAPO nacionalismo burguês a aceitar um arranjo negociado na Namíbia que deixou intactos os interesses imperialistas e que concluiu com a entrega e assassinato dos combatentes da SWAPO, como antes foram entregues e massacrados os soldados angolanos que tinham se insurgido em 1985. É por isso que hoje como ontem, há que seguir dizendo-lhe às massas na África Fora os canalhas da burocracia estalinista, agente da reconciliação com a Angloamerican e o regime assassino do Apartheid! Abaixo a burocracia castrista que hoje entrega a conquista da revolução cubana ao imperialismo mundial! É a mesma burocracia que entregou a revolução na África, no Chile do '73, cercou à revolução na Bolívia controlando o proletariado de todo o continente americano e chamando às massas a ligar a sua sorte ao governo de frente popular de Evo Morales. Entregou também a resistência colombiana, como na Nicarágua e El Salvador



Fidel Castro e Nelson Mandela.

nos '80 e Honduras hoje. E terminou pactuando com Obama e entregado movimento da luta contra a guerra e do movimento dos imigrantes em EUA.

Já a partir dos anos 90 os renegados do trotskismo se somaram definitivamente a este antro de bandidos que é o FSM, capitulando ao stalinismo ao apoiar o Congresso Nacional Africano nas eleições de 1994. Tal como o fez a LIT-CI na África do Sul, também a Tendência operária Marxista, o Grupo Socialista, Camaradas pelo governo operário, LIGA operária

internacional, todos entraram ou apoiaram ao Congresso Nacional Africano. Enquanto os renegados do trotskismo faziam isto, em Moçambique o stalinismo com seu partido FRELIMO, liquidava a luta pela libertação nacional e se transformava no governo burguês administrador dos negócios de toda a burguesia -como igualmente o fazia na África do Sul com a integração ao regime da reconciliação com o Apartheid-. Desde essa localização se ocupou de ser o principal agente hoje para isolar a revolução malgaxe e sustentar desde seu governo também à burocracia castrista.

Em Zimbábue, o SWP de Callinicos e sua Tendência IS entrou e apoiou à frente popular burguesa no governo negou-se a manter uma política de classe independente e capitulou à visão nacionalista stalinista da revolução num só país.

É que bem como o imperialismo francês conta com os serviços do lambertismo e do NPA em suas atuais e ex colônias e semi-colônias, o imperialismo inglês também conta com estas correntes que atuam como agentes defensores resolutos dos interesses do seu imperialismo através dos sindicatos internacionais dirigidos pela TUC (Trade Union Central) para proteger os investimentos imperialistas ingleses na África. Enquanto, na Inglaterra se passam defendendo o Partido Trabalhista sendo eles sua ala esquerda, um apêndice da burocracia social-imperialista da TUC.

A marca estalinista segue cumprindo seu papel contra revolucionário porque os renegados do trotskismo sustentaram e a sustentam em nível internacional. Fora da IV Internacional e de sujar suas limpas bandeiras os serventes da burocracia e da burguesia! Pela re-fundação da IV Internacional!

O papel contra revolucionário do Fórum Social Mundial na África

Em Moçambique, hoje, concentraram-se o FSM, o Afri-Com, a União Africana e o imperialismo francês para discutir como sustentar um governo de unidade nacional para expropriar e impedir que triunfe a revolução de operários, soldados e camponeses que tinha começado em Madagáscar e se estenda a toda África do sul. Com esta política contra revolucionária, o PC e o castrismo contribuem para isolar à classe operária sul-africana.

Assim, as direções contra revolucionária do PC de África do Sul/CNA, hoje centralizadas na V internacional de Chávez e os mandarins vermelhos do PC Chinês e com a ajuda dos renegados do trotskismo, foram os responsáveis por abortar os processos

revolucionários em todo o continente negro, os que viriam de imediato a reavivar as chamas da revolução malgaxe. Estes são os marechais da derrota que ajudaram a cercar a revolução em Madagáscar para deixá-la totalmente isolada de seus irmãos de classe do continente africano e de seus aliados nos países imperialistas: os imigrantes que lutam contra as bandas fascistas que os reprimem na Itália e os isolaram também dos jovens revolucionários das periferias, que fizeram arder Paris em luta de seus direitos.

Desde os Estados Unidos -pondo o proletariado aos pés de Obama, transformando-se em verdadeiras correntes subservientes, passando pela Europa imperialista, até a África do Sul e Zimbábue, país por país estes canalhas subordinaram o proletariado a sua própria burguesia.

Hoje se preparam novas forças contra revolucionárias para capitalizar o desprestígio do CNA, encabeçadas pelo stalinismo e o mandelismo para formar novos partidos anticapitalistas (NPA) na África do Sul, unidos aos movimentos sindicais em Zimbábue.

Não tirar urgentemente estas lições só pode trazer golpes mais duros à classe operária internacional. Tal como a catástrofe do Haiti onde os trabalhadores que viviam sob o protetorado ianque, submetidos a pior degradação humana pelo saque e a exploração imperialista, enfrentaram a um brutal terremoto que causou centenas de milhares de mortos por não contar com edificações anti-sísmicas. Construções que se as tem a burguesia imperialista em São Francisco (EUA) e no Japão e agora estão submetidos a uma nova invasão imperialista nas mãos das tropas tanto ianques como da ONU-Minustah, dirigidas por França e comandadas por suas lacaios “bolivarianos” de Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Equador, etc.

Frente a semelhante catástrofe, todas as direções traidoras levantaram um programa para o Haiti de “solidariedade” e “ajuda humanitária”, pondo o proletariado e às massas novamente aos pés da burguesia Canalhas! A única forma de que as massas haitianas possam voltar a comer e ter uma vida digna é pondo em pé seus organismos armados, derrotando às tropas invasoras e fazendo-se poder.

O esmagamento da revolução Palestina e o estrangulamento da revolução Boliviana: os primeiros ensaios de cerco contra revolucionário às revoluções no século XXI

O cerco que hoje se aprofunda sobre Madagáscar, é uma versão redobrada da política contra revolucionária que em 2003 impusessem a Bolívia, o imperialismo junto aos seus sócios menores, as burguesias nativas da América Latina e as direções traidoras agrupadas no Fórum Social Mundial. Ante o terror que lhes gerava a revolução operária e camponesa que se tinha escapado da Caixa “de Pandora” da luta de classes e ante a ameaça que significava para seu domínio e sua propriedade em todo o continente, puseram em pé uma verdadeira “Santa Aliança” contra revolucionária continental, para garantir o estrangulamento da revolução boliviana.

As potências imperialistas, as burguesias entreguistas e todas as direções traidoras das massas na Bolívia e em todo o continente, sustentaram o governo de Evo Morales. Isto é, fortaleceram a frente popular, cercaram à revolução boliviana, liquidaram a luta pela nacionalização sem pagamento e sob controle operário dos

hidrocarbonetos, substituindo-a pelo programa de suja pechincha da burguesia nacional que terminou com suculentos contratos petroleiros e de gás com o imperialismo francês e espanhol por um lado, e com o controle de metade do país pelo fascismo da Meia Lua, onde se assentam os monopólios imperialistas ianques. Para isso contavam com o assentamento de tropas ianques no Paraguai, exercícios militares comuns entre as forças armadas argentinas, brasileiras, paraguaias, uruguaias e venezuelanas e com o exército chileno armado até os dentes pelo imperialismo anglo-ianque; com o exército colombiano de ocupação e sua casta de oficiais treinada em West Point.

Contaram também com a inestimável ajuda do stalinismo e dos renegados do trotskismo, que reunidos no Encontro Continental no ano 2005, sob o comando da burocracia petroleira da CUT brasileira, liquidaram todas as resoluções da COR El Alto, que desconheciam as eleições antecipadas denunciando-as como uma armadilha burguesa e por essa via teriam impedido que se impusessem o governo de frente popular de Morales. Mas fundamentalmente, o imperialismo centralizou ao acionar todas as direções reformistas em nível continental, desde os Estados Unidos até Terra do Fogo, para impedir que a classe operária de todo o continente avance pelo caminho da luta revolucionária isolando à revolução boliviana.

Assim na América Latina, expropriaram a luta revolucionária da classe operária, com a política de colaboração de classes de apoio às frentes populares, pondo à classe operária, dividida país por país aos pés de sua própria burguesia, sócia menor dos monopólios imperialistas.

Hoje, em Madagáscar, o papel pérfido dessas direções se expressa em que lhes dizem às massas de todo o continente que Rajoelina é o único que pode garantir o pão; isto é, que chamam em confiar neste agente da V República Francesa, que o único que pretende é terminar de achatar a revolução malgaxe para preservar a propriedade privada e os grandes negócios dos monopólios imperialistas. Mentira! Isto é uma verdadeira traição! Porque se o governo de Rajoelina termina de assentar-se recompondo as instituições do regime burguês e sobretudo, a disciplina e a unidade das forças armadas que as massas insurrectas abalaram, não será para garantir o pão, senão para passar à contra-ofensiva com golpes contra revolucionários, verdadeiras “jornadas de julho”, para terminar de achatar todo rastro da revolução na ilha, o que decididamente repercutirá no conjunto do continente africano.

A sinistra política de colaboração de classes que submete às massas a uma ou outra fração da burguesia rompe a aliança operária e camponesa e a unidade com os soldados rasos conquistadas nas ruas desarma às massas e re-estabelece a disciplina militar entre os soldados insurrectos, re-constituindo o pilar fundamental do estado burguês que são suas forças armadas.

Junto a esta política internacional do cerco à revolução malgaxe, o imperialismo e seus sócios menores da África, despejam todo seu poder econômico e militar para estrangular o proletariado e às massas. Cercam-na com fome, para que abandonem as armas! É por isso que por um lado, a burguesia de Madagáscar e os monopólios imperialistas fizeram um verdadeiro “lock out” na produção de alimentos, enquanto no passado 23 de dezembro, Barak Obama -recentemente galardoado com o “Prêmio Nobel da Paz”- excluiu a Madagáscar, Nigéria e Guiné da lista de países beneficiados como sócios comerciais de Estados Unidos, tirando-lhes a “ajuda econômica” que lhes outorgava por meio do AGOA

(Africa Growth Opportunity Act – Ata para a Oportunidade de Crescimento para África), pondo em risco 100.000 postos de trabalho somente nas maquiladoras da indústria têxtil.

Para completar esse cerco, o imperialismo norte-americano, começa a fortalecer sua presença militar na região. O mesmíssimo Obama viajou a Gana para discutir a instalação de uma nova base militar norte americana e o estabelecimento nesse país do Quartel Geral do Afri-Com (Comando Africano do exército de EUA), que ainda está em Alemanha.

Ademais, o imperialismo francês, predatório da África que tinha colônias neste continente e ao que hoje segue unido por laços econômicos muito fortes, mantém quatro grandes bases militares em África: Djibuti, no chifre da África, a Ilha de Reunião, no Índico, Senegal e Gabão. Tem também forças militares disseminadas na Costa do Marfim, Chade e República Centro Africanas. É por isso que é um dos principais atores da ingerência militar ocidental em África.

Tal como sucedeu com a heróica revolução Palestina do 2000 que foi cercada e esmagada: por um lado pelas bombas do gendarme do imperialismo na região, o estado sionista fascista de Israel massacrando à martirizada

Gaza; também o imperialismo a cercou pela fome, e impôs pactos contra revolucionários contra as massas. O Egito instalava um Muro para impedir que os heróicos combatentes que vinham lutar junto a seus irmãos palestinos não pudessem pisar mais o solo palestino. Enquanto, Hamas e Al Fatah junto aos açougueiros imperialistas de EEUU e França, as burguesias lacaias da região, como Mubarak do Egito, pactuavam a formação de um governo de unidade nacional. Um verdadeiro tiro pelas costas das massas. Impunham assim uma derrota às massas insurreccionadas palestinas.

Na África, o cerco que impõem as direções traidoras, que, por exemplo, levaram às massas de Zimbábue aos pés da frente popular. Ali a Organização Socialista Internacional de Gwisai (ISOZ) faz parte do MDC que se incorporou ao governo de frente popular do ZANU-PF (Zimbábue African National Union – Patriotic Front) e que lhe proporcionou ministros a seu gabinete como o de Finanças que executou a privatização dos serviços de energia e água, o de fazenda, etc.

Na África do Sul, submeteram o conjunto das massas famintas às burguesias negras, levando a luta revolucionária dos sul-africanos aos pés do Congresso Nacional Africano. A Cosatu, dirigida pelos estalinistas, foi a que impediu que os comitês de soldados de África do Sul se unam aos soldados malgaxes que desobedeceram as ordens de atirar contra seus irmãos.

Mas não somente ali se aplicou essa política de cerco e submissão da classe operária africana a sua burguesia e ao imperialismo. Em Ruanda e no Congo, onde o imperialismo e a

burguesia nativa impuseram genocídios, as burguesias negras e todas as direções do movimento operário junto com os partidos da esquerda reformista, foram os encarregados de submeter a luta revolucionária das massas contra os genocídios aos pés da União Africana. Quanto a UA é um verdadeiro Ministério de Colônias dos imperialistas anglo-ianque e franceses! “Ministério” organizador e fiador dos genocídios, uma cova de bandidos onde se repartem o continente e assinam e realizam todos os pactos para manter os regimes serventes do imperialismo e inimigos das massas exploradas de toda África. Com esta política de cerco, executada pela burguesia imperialista e as direções contra revolucionárias, puderam -por agora- cercar a revolução malgaxe e impedir que se estenda ao conjunto do continente africano. Impediram que as

massas insurrectas derrotassem a seus regimes, que se instituíssem organismos de duplo poder dos operários, camponeses pobres e soldados armados e que desta forma as massas insurrectas abrissem o caminho ao triunfo da revolução operária e camponesa em toda África.

É a mesma política que impuseram na Bolívia com o fim de estrangular a revolução do planalto.

Fica assim demonstrado

que esta política não “é nacional”, autóctone de algum país em especial. Para isso contam com seus estados maiores internacionais altamente centralizados, atuando dia a dia para derrotar toda heróica revolução que protagonizem as massas exploradas.

Assim desde Moçambique começaram a negociar, em Maputo, as diferentes facções burguesas malgaxes, para discutir uma divisão de poderes no governo de transição de Madagáscar, isto é para discutir a repartição dos negócios na ilha tentando desde ali soldar um governo de unidade nacional a fim de preservar seus interesses. Rajoelina, vencedor na contenda ante Ravalomanana, e sabendo-se o homem forte de Madagáscar, o único que pode estrangular esta revolução, depois de meses de negociação se deu o luxo de fazer romper esses acordos, nomeou um premiê militar e começou a dar mostras de que ele é o único fiador de estabilização ao combalido regime burguês, que fora abalado pelas massas insurrectas.

O stalinismo, o castrismo e os renegados do trotskismo, desde as frentes populares da África do Sul e Zimbábue, ou apoiando pela esquerda a todo governo nacionalista burguês no continente africano, são os aliados fundamentais do imperialismo. Eles são os que impõem o cerco contra revolucionário à revolução malgaxe e o fazem desde o governo de frente popular da África do Sul, desde o parlamento e as comissões da constituinte em Zimbábue, atando, dividindo e submetendo ao proletariado do sul da África, a sua própria burguesia nacional, sócia menor de tal ou qual potência imperialista.



A revolução malgaxe só pode triunfar como revolução africana e européia

A revolução malgaxe não foi um raio que caiu do céu azul. É em primeiro lugar, parte da sublevação revolucionária generalizada que sacudiu às colônias francesas desde Guadalupe, Martinica e Guiana e na América Latina passando pela Ilha de Reunião, a poucos quilômetros das costas de Madagáscar, até a Polinésia. Isto é foi parte de uma contra-ofensiva de massas que fosse usurpada pela ação das direções traidoras.

O caráter internacional da revolução malgaxe implica uma questão de caráter histórico porque expressa a volta ao combate dos explorados escravizados da África em manobras diretas de revolução, depois de 15 anos de ter sido estrangulada sua revolução pela frente popular do CNA de Mandela, o PC sul-africano e a burocracia sindical da COSATU que em 1994 terminaram de consumir esta traição, o que levou às massas exploradas e oprimidas de todo o continente a um retrocesso brutal, a um afundamento na barbárie, nas fomes, as guerras fratricidas, as pandemias como o AIDS, em regiões inteiras de África.

Foi nos anos 90 que África ficou deslocada da divisão mundial do trabalho e se transformou num reservatório de mão de obra escrava de quase 600 milhões de trabalhadores. Milhares de operários e camponeses negros que eram expulsos de suas terras, morriam nas profundidades do Mar Mediterrâneo, porque não conseguiam atingir as costas de Espanha, França ou Itália. Outros encontraram o final de seus caminhos metralhados nos sinistros alambrados dos enclaves espanhóis de Ceuta e Melilla. Os que conseguiram chegar foram super explorados como escravos sem nenhum direito e quando o ciclo curto de expansão da economia expirou, os patrões imperialistas franceses, alemães, britânicos, italianos, espanhóis, frente ao crash da economia mundial os despedem como cachorros, porque já não os precisam. Despedem-nos primeiro, perseguem-nos e os expulsam como párias das potências européias.

Mas a burguesia, ao dizer de Marx e Engels faz mais de 150 anos, tem uma contradição da que não pode escapar: cria inevitavelmente à classe que será seu coveiro na história, o proletariado. Durante o último ciclo curto de expansão, ao contrário dos anos 90 'as diferentes potências imperialistas realizaram fortes investimentos na África. Já que o continente africano combina um reservatório de mão de obra escrava, com ricas fontes de matérias primas, minerais, reservas de petróleo, minas de diamantes, considerado isto indispensável para alimentar às multinacionais que foram re-localizadas na China. Ademais possui grandes extensões de terra fértil, cujo cultivo se valorizou produto da subida inusitada dos commodities destinadas primeiro para a alimentação e agora, como em Madagáscar destinados à produção de bio-combustíveis. Por isso, a África se converteu hoje num continente cobiçado pelos piratas imperialistas que disputam ali as riquezas naturais. E isso é o que permitiu a emergência de um proletariado fortíssimo, que pelos golpes do crash e o ataque dos capitalistas, volta a entrar ao combate.

Na África foi o capital monopólico imperialista o que uniu todas as economias nacionais por cima das fronteiras, combinando a instalação de maquiladoras, a extração de matérias primas, a produção de alimentos, os reservatórios de mão de obra escrava, a concentração de seus bancos, numa só economia que se estende além das fronteiras de cada país africano. Para o imperialismo não

existem as fronteiras nacionais em seu afã de saquear e espoliar o continente. Querem fazer de toda África campo arrasado!

Também não deve ter fronteiras para os trabalhadores! Será tarefa dos operários, os camponeses pobres, os soldados, e as massas exploradas da África do Sul, Moçambique, Zimbábue, Angola, Congo, Somália romper com as burguesias nativas, as frente populares e os pactos contra revolucionários que lhes impõem e estender a revolução a todo o continente, e através dos milhões de imigrantes a entrelaça com o proletariado das potências imperialistas européias. Só assim será possível romper o cerco que impuseram à revolução malgaxe. Só assim se abrirá a revolução na África toda e estendendo-se como um rastilho de pólvora impedirá que a revolução em Madagáscar pereça.

É o próprio capitalismo em sua fase imperialista o que lhe dá à revolução africana um caráter internacional. A revolução malgaxe é tão só um episódio desta revolução africana que, se não se estende e desenvolve a todo o continente e através dos milhões de imigrantes, entrelaça-se com o proletariado das potências imperialistas européias, está destinada a perecer. E é este o objetivo do cerco que hoje procuram as potências imperialistas arredor de Madagáscar. Um cerco que neste caso se expressa primeiramente como cerco econômico, para submeter pela fome o proletariado e o camponês pobre. Mas fundamentalmente um cerco político no qual, jogam um papel primordial o stalinismo, o castrismo e os renegados do trotskismo que, recrutados pela burguesia imperialista, impõem desde as próprias organizações da classe operária a divisão país por país. E constituem o principal obstáculo para que a classe operária do sul da África não irrompa em luta revolucionária para expropriar os monopólios imperialistas e seus sócios menores das burguesias nativas, pondo os recursos naturais e as forças produtivas a serviço de garantir matérias primas, alimentos, energia, etc.... a todo o sub continente, incluída a cercada Madagáscar.

E tão só se estes mecanismos para estrangularem a revolução malgaxe são insuficientes, as potências imperialistas recorrerão à força militar direta. Mas enquanto as direções traidoras do Partido Comunista da África do Sul, da IST e Gwisai (da IZOS), do castrismo em Angola, dos renegados do trotskismo com seus partidos anticapitalistas em todo o continente, sejam os que controlem e dirijam ao proletariado, não terá necessidade o capital financeiro de recorrer a ela. A manterá como reserva para o caso de que setores de massas escapem ao controle dessas direções contra revolucionárias. E se isto suceder, recorrerão ao fascismo já que as frentes populares são os que adormecem às massas e preparam o caminho para impor governos mais bonapartistas ou diretamente fascistas.

Ante o erupção do crash mundial e a ofensiva do imperialismo para fazer pagar às massas a crise econômica, a resposta do proletariado africano, que começou em Madagáscar como uma revolução clássica, pode estender-se como um rastilho de pólvora ao conjunto do continente africano, o que implicará que os combates revolucionários no continente negro se combinem de forma imediata com uma ascensão revolucionária nas metrópoles imperialistas. Tal como sucedeu com as lutas revolucionárias pela libertação da Argélia, que deu como resultado uma ascensão revolucionária em França em 1968-1974 tal como ocorreu com a luta revolucionária em Angola que levou à revolução em Portugal no ano 1974.

E disto a burguesia imperialista tomou nota. Hoje a vanguarda indiscutível da classe operária na África são no norte do continente, as massas árabes e muçulmanos do Magreb, que se sublevaram, desde o Marrocos até o Egito em defesa de seus irmãos de classe

palestinos massacrados na Gaza, o que propõe a luta por revoluções operárias e socialistas vitoriosas no caminho de conquistar uma Federação de Republicas socialista soviéticas do Norte de África. E no sul do continente, a vanguarda é a classe operária, os camponeses pobres e os soldados de Madagáscar que entraram em manobras de revolução clássica, pondo na ordem do dia a luta por uma Federação de Republicas socialistas e soviéticas de Centro e África do Sul.

O caráter internacional da revolução malgaxe, está também dado pelo fato de que, o proletariado africano, majoritariamente árabe e muçulmano no norte, negro no centro e sul do continente, joga um papel de vanguarda revolucionária –tal como jogaram a classe operária e os explorados de América Latina nos primeiros dez anos do século XXI- nos países imperialistas. Porque os operários africanos não são “imigrantes”, senão que são o coração e o setor mais explorado do proletariado dos países centrais. Para o triunfo da revolução operária e socialista na África, quem tem a chave é o proletariado dos países imperialistas, que tem a obrigação de combater por seus irmãos das colônias se semi colônias. Nessa unidade, no interior de todas as potências imperialistas, está a força para o triunfo. A luta dos operários africanos à frente dos combates em toda a Europa e Grécia, com seu chamado à greve geral e as mobilizações o passado 1º de março através das fronteiras da Europa imperialista, encabeçando na Grécia a criação das organizações de luta que garantiram a magnífica ação de massas da greve geral do 11 de março, já puseram na ruas o encaminhamento que os operários europeus devem tomar em suas mãos como uma obrigação internacionalista: Fora as mãos do imperialismo ianque, inglês, francês, alemão da África! Pela expropriação de todas as companhias imperialistas que saqueiam e martirizam aos nossos irmãos da África!

Assim já propunha a III Internacional em suas resoluções de seu II Congresso em Julho de 1920: “. . .8) *Quanto à questão das Colônias e nacionalidades oprimidas, os partidos dos países cujas burguesias possuem colônias ou oprimem nacionalidades, devem ter uma linha de conduta clara e neta. Todo partido pertencente à III Internacional, tem o dever de denunciar implacavelmente as proezas de seus imperialistas nas colônias; de sustentar não só em palavra, senão nos fatos, todo movimento de emancipação colonial que exija a expulsão de todos os imperialistas metropolitanos das colônias; de alimentar no coração dos trabalhadores de seu país sentimentos fraternais para a população trabalhadora das colônias e das nacionalidades oprimidas, e de manter entre as tropas metropolitanas uma agitação contínua contrato da opressão dos povos coloniais*” “*Condições de admissão dos partidos na Internacional Comunista*”.

O stalinismo e os reformistas nos querem fazer crer que nossa força está na unidade com os partidos burgueses, com as burguesias lacaias, com as ONG, que desde a ONU e as potências imperialistas corrompem à classe operária e a um setor minúsculo de suas fileiras para entregar nossas lutas. Basta! Nossa força está na unidade da classe operária africana com a classe operária de EUA e de Europa! É a unidade que propõe o combate da greve através das fronteiras da Europa convocada pelos comitês de imigrantes, encabeçados

pelos operários africanos. Aí está nossa força! Pela unidade internacional da classe operária! Basta de submeter os explorados a seus verdugos! Água e o fogo não se juntam!

Desde aqui, Madagáscar não pode ver-se desde os estreitos limites das fronteiras nacionais, porque é um elo da revolução de África central e do Sul, que triunfará com a revolução operária e socialista nos países imperialistas.

Porque há que enfrentar a um estado maior da contra-revolução altamente centralizado, que precisa imperiosamente das matérias primas do continente e da mão de obra escravizada, para fazer funcionar as fabricas dos monopólios instaladas em China; e por isso imprimirá uma ofensiva feroz, pactos contra revolucionários, cerco por fome extorsão às massas, e se não consegue dismantelar os processos revolucionários, recorrerá ao fascismo, ou à intervenção militar. Para isso contam com as bases militares tanto ianques como francesas, já que se triunfasse a revolução malgaxe não poderia sustentar-se por muito tempo e pereceria cedo se não se estende à região sul e centro do continente.

Porque o conjunto da classe operária africana, rompendo com a burguesia e derrotando às direções traidoras como o partido comunista, o castrismo e os renegados do trotskismo e sua política nefasta de colaboração de classes, deve pôr em pé os organismos de autodeterminação e sua milícia operária para tomar o poder: Mas para triunfar precisa a unidade com o proletariado dos países imperialistas para expropriar e expulsar os imperialismos ianque, inglês, francês, alemão, japonês de todo o território africano. Caso contrário o único que lhe espera é o caminho dos cercos, pactos e a contra revolução.

Junto aos explorados malgaxes, que se levantam os operários, os camponeses pobres, os soldados e as massas famintas da África do Sul, da Somália, da Namíbia, da República do Congo, de Moçambique, do Zimbábue, em apoio de seus irmãos de classe de Madagáscar! Junto a eles, que o proletariado dos países imperialistas inscreva de novo em suas bandeiras suas obrigações internacionalistas para com seus irmãos de Madagáscar e dos países oprimidos! Frente a essa unidade internacional da classe operária, não terá ataque nem poder de base militar imperialista alguma, nem cerco contra revolucionário que possa com eles! Eles são seus aliados!

Só a ditadura do proletariado resolverá na íntegra e efetivamente as demandas das massas malgaxes, sul-africanas, do Zimbábue, de Moçambique, da Somália, de toda África

Tal como o expressa Ravalomanana, desde seu exílio na África do Sul numa reportagem a Le Monde, “em Madagáscar as massas se fizeram do arroz, do trigo, do azeite, mas tudo isto hoje se terminou e nem sequer chegam a pagar os salários dos servidores públicos”. Que cinismo! Se justamente isto é produto do cerco, do isolamento que lhe estenderam às massas malgaxes para liquidar sua revolução.

É que para manter o conquistado em sua heróica luta revolucionária os operários, camponeses e soldados armados, não se podem deter têm que tomar o poder político. Porque para conseguir o pão, para conseguir a terra, para conseguir a independência nacional contra a brutal espoliação imperialista, as massas malgaxes têm que impor a ditadura do proletariado.

Porque só um governo de operários, camponeses e soldados, apoiado no armamento generalizado das massas e imposto sobre as ruínas do governo, o regime e o estado burguês, poderá romper com o imperialismo e expropriar aos expropriadores, única forma de conquistar a terra, o pão, trabalho e salários para a classe operária e os explorados que são a amplíssima maioria da nação malgaxe.

Mas nada disto poderá cumprir-se e resolver-se integra e efetivamente, se a classe operária, encabeçando essa luta e como caudilho dos camponeses pobres e do conjunto da nação oprimida, não impõe seu próprio governo que exproprie aos expropriadores e destrua definitivamente seu estado opressor.

Por isso, a tarefa mais importante é fortalecer esse poder armado dos explorados, estendendo-o a nível nacional e centralizando-o num poderoso organismo comum das massas em luta. Há que eleger um delegado cada cem operários, camponeses pobres e soldados rasos, para estabelecer um Conselho Nacional de delegados operários, camponeses pobres e soldados sublevados! Que ponha em pé e centralize a milícia operária e camponesa! Assim este organismo começaria a organizar e preparar um próximo embate de massas e uma insurreição triunfante única forma de que a classe operária com uma direção revolucionária tome o poder.

Os explorados malgaxes não devem deter sua revolução. Está colocada então a proposta de por em pé de conselhos armados de operários, camponeses e soldados, que coordenados nacionalmente tomem em suas mãos a luta por derrocar ao governo de Rajoelina, derrotar à polícia e à casta de oficiais do exército e tomar o poder para, tomando em suas mãos o controle do estado, garantir o pão, o trabalho, a saúde.

Para garantir o pão para os filhos de operários e camponeses desapropriemos os grandes supermercados e toda a indústria alimentícia da burguesia nativa e estrangeira! Não se deter! Esse é o grito de guerra: chamar aos operários aos camponeses pobres, os soldados em armas a não deter sua luta revolucionária! Que nenhum soldado se renda, que nenhum entregue as armas, há que estender a sublevação dos soldados contra a casta de oficiais aos quartéis de todo o país. Precisam seguir desarmando e dissolvendo à polícia assassina!

Não se deter! Há que constituir tribunais operários, camponeses e de soldados para julgar a Ravalomanana e todos os membros de seu regime infame.

Os explorados malgaxes têm que romper com a burguesia! Nenhum apoio ao governo de Rajoelina, nem à armadilha da “frente democrática” dos ianques e Ravalomanana! Há que derrotar o governo agente da V República em Madagáscar. Porque os explorados nada vão conseguir das mãos deste agente do imperialismo! Por isso os operários, camponeses malgaxes não devem depositar nenhuma confiança em Rajoelina Abaixo o governo de Rajoelina!

A União Africana da burguesia “compradora” na África, agente direto do imperialismo, é a que afunda às massas africanas na fome e a miséria, eles garantem manter a África como principal exportador de minerais, mão de obra barata e matérias primas para os centros imperialistas e para seu grande maquila em China.

Para terminar com a fome, para terminar com as guerras intestinas que tingem de sangue à República do Congo, para terminar com a desnutrição, a miséria, a morte, as doenças, o desemprego, que golpeiam por igual a Madagáscar, Zimbábue, Moçambique, África do Sul, Somália, Namíbia, etc., há que tomar o poder político, expropriar aos imperialistas ianques, ingleses e franceses, japonês e alemães em todo o continente africano.

Operários e camponeses pobres: as organizações operárias e camponesas de África devem romper sua subordinação à burguesia e não pôr o proletariado aos pés de seus inimigos de classe. Rompam com a burguesia! Nenhum apoio aos governos de frente popular, lacaios do imperialismo ianque e francês! Rompam na África do Sul com o CNA de Mandela, lacaios do imperialismo ianque! Rompam no Zimbábue com o MDC, aliado do Zanu-PF de Mugabe! Abaixo os regimes de terror das ditaduras militares na África!

A condição para triunfar é levantar o programa da revolução proletária, derrotar às direções traidoras e assim conquistar um estado maior revolucionário do proletariado africano e mundial. Assim a heróica classe operária africana será invencível. Para conseguir suas demandas mínimas como o pão, a terra e sua independência nacional, os operários e os camponeses pobres de toda África, devem lutar para expulsar definitivamente o imperialismo anglo-ianque e francês de toda África.

Fora o imperialismo francês, suas tropas coloniais de ocupação e suas bases militares da Ilha de Reunião, as Seychelles e a Ilha Maurício!

Fora de toda África o sanguinário imperialismo anglo-ianque! Fora as tropas de Somália e de todo o continente africano! Fora a base militar do Afri-Com, a da ilha Diego García no Índico, onde se abastecem as tropas assassinas que massacram no Iraque e no Afeganistão!

Abaixo a União Africana, esse covil de bandidos a serviço do imperialismo, essa união de fiadoras de genocídios e pactos contra revolucionários para que o imperialismo e seus serventes vivam com a super exploração e o saque do continente africano!

Esse é o grito de guerra que têm que levantar a classe operária e os camponeses pobres de toda África, para retomar o caminho da revolução. Fora os exércitos pretorianos de toda África! Fora o exército sul-africano do Congo, que assassina a milhões para salvar os interesses do JP Morgan!

Esta vez os pendurados das árvores e lampiões de Madagáscar da África do Sul, de Moçambique, do Zimbábue, Somália, etc., devem ser os imperialistas, as burguesias nativas, a polícia assassina, a casta maior do exército e os burocratas traidores!

Uma mesma classe, uma mesma luta! Paremos os ataques fascistas contra nossos irmãos em Rosarno (Calabria), sul da Itália!

Ali a Olivetti, a Fiat e o Vaticano, pela primeira vez depois da segunda guerra mundial, puseram nas ruas forças proto fascistas-unidas à camorra, paga pelos monopólios imperialistas que sob o lema de caçando “ao negro”, o dia 8 de janeiro de 2010, feriram com disparos de pistolas de ar comprimido a dois imigrantes, um nigeriano sem documentos e um refugiado político originário de Togo. Em resposta a isto, os imigrantes temporários recolhedores de laranjas e tangerinas protagonizaram uma revolta durante 18 horas. A raiva dos explorados fez-se sentir: marcharam pela estrada que une os campos de laranjas com o povo, cercaram os carros, queimaram recipientes de lixo e atacaram com paus e pedras a alguns veículos, combatendo nas ruas contra os policiais.

A esta situação se chegou produto da traição que as direções reformistas impuseram ao proletariado europeu, porque frente à crise econômica mundial, foram os fiadores da escala móvel de suspensões demissões, redução salarial, criando a ilusão que desta forma e expulsando os imigrantes, a classe operária europeia não ia perder seus postos de trabalho.

O combate contra o fascismo é tarefa de toda a classe operária, sobretudo na Itália. Os operários italianos devem ver-se no espelho dos operários imigrantes de cor, já que senão se esmaga o fascismo hoje, amanhã eles correrão a mesma sorte. Um povo que oprime a outro jamais pode liberar-se a se mesmo!

Para acabar com os bandas fascistas que perseguem e aterrorizam aos imigrantes africanos no sul de Itália, é tarefa de toda a classe operária africana e das organizações operárias europeias pôr em pé comitês operários armados para derrotar às bandas fascistas pagas pelos monopólios imperialistas.

Viva a revolta dos imigrantes negros super explorados no Rosarno, Itália! Viva a greve geral convocada o primeiro de março pelas organizações de operários imigrantes através das fronteiras da Europa imperialista!

Há que impor a greve geral e organizar a milícia operária para esmagar ao fascismo organizado pela Camorra, a Olivetti, o Vaticano e o grande capital financeiro internacional!

Abaixo a burocracia sindical da CGIL que deixa os imigrantes por fora dos sindicatos!

Fora a aristocracia e a burocracia operária! Todos somos operários temporários africanos! Eles são o coração da classe operária europeia junto a todos os imigrantes latino americanos, do Oriente Médio, da Ásia e de todas as nações oprimidas do mundo!

Para esmagar o fascismo há que derrotar ao Afri-Com nas manobras militares em Uganda! Para acabar com a fome, a super exploração e a repressão aos trabalhadores imigrantes e nativos há que expropriar aos expropriadores que se roubaram 90 bilhões de dólares, para que sejam eles os que paguem a crise!

Derrotemos aos governos e regimes imperialistas que preparam novos massacres contra os trabalhadores e os povos oprimidos do mundo!

Trabalho digno para todos! Pela escala móvel de salários e horas de trabalho ao nível do custo de vida e pela nacionalização sem pagamento e sob controle operário das empresas imperialistas que fechem, suspendam ou despeça! Todas as mãos disponíveis a produzir!

Com os fascistas não se discute, se os derrota com milícia operária e a greve geral!

Pela unidade da classe operária europeia para pôr em pé comitês de autodefesa para achatar o fascismo!

Há que romper o cerco para que se volte a pôr de pé a revolução em Madagascar, em Guadalupe e Martinica! Liberdade imediata aos imigrantes presos nos cárceres de Obama! Liberdade aos presos de Guantánamo! Basta de perseguição aos trabalhadores imigrantes! Legalidade imediata e plenos direitos para sua sindicalização!

Os explorados de cor do continente precisam um Estado
Maior Internacional da Revolução Socialista, precisam a IV
Internacional de 1938 re-fundada



Os soldados no Madagascar, com suas armas, junto aos trabalhadores e as massas

A tragédia da revolução malgaxe é que não contou com uma direção revolucionária internacionalista a sua frente, que tivesse em sua bagagem estas lições e um programa para a tomada do poder pelo proletariado, em Madagascar e em toda África. E é o que permitiu à burguesia agente do imperialismo francês, montando-se na divisão do exercito, tentar expropriá-la. Mas o agente da V República não estava só nesta tarefa, porque era e é

parte da contra revolução que se preparava para abortá-la. Porque à burguesia e o estado maior das multinacionais lhes vai dar a vida para salvaguardar sua propriedade privada. Por isso recrutam às direções contra revolucionárias que são as que permitem cercar as revoluções, desarticular os organismos de autodeterminação das massas, para que depois venham o imperialismo e as burguesias nativas para terminar de expropriar-las.

Uma direção revolucionária que, lutando por desenvolver e centralizar os organismos armados de autodeterminação dos trabalhadores, camponeses pobres e soldados, derrote às direções traidoras que atam as mãos das massas, subordinando-as à burguesia e lhes impedindo de realizar toda sua potencialidade revolucionária. Sem este passo certo, sem derrotar às direções traidoras, é impensável que o proletariado possa avançar em sua luta anti imperialista e em combates decisivos para tomar o poder.

É por isso há que desmascarar definitivamente aos renegados do trotskismo, que abandonam o marxismo, no momento em que a classe operária, submetida como está aos ferozes golpes da crise, mais precisa de seu programa e de suas lições. Estes canalhas se negam a chamar aos trabalhadores a confiar em suas próprias forças para a tomada do poder e uma e outra vez os submetem aos pés das instituições burguesas. É um verdadeiro traidor da classe operária quem não briga por desenvolver e centralizar organismos armados de autodeterminação das massas quando se abre a revolução!

É que os operários e os camponeses pobres precisam de uma estratégia internacional para poder triunfar, por isso se lhe vai a vida ao proletariado em reconhecer, tirar as lições e lutar

implacavelmente contra todas as direções traidoras, porque são o maior obstáculo que têm no caminho de conquistar o poder.

Cada processo revolucionário que se abre põe ao vermelho vivo que o calcanhar de Aquiles do proletariado e os explorados é a crise de direção revolucionária. Não lhes faltou coragem nem instinto de classe às massas malgaxes que demonstraram incansavelmente sua disposição ao sacrifício e sua vontade de vencer.

Para que uma revolução operária e camponesa triunfe, tem que contar a sua frente com uma direção revolucionária que seja parte de um estado maior revolucionário internacional.

É que há que lutar de forma irreconciliável contra o poder do imperialismo, a influência da burguesia e o cerco que tentam impor às massas em luta as direções burocráticas e reformistas de todas as cores. E isto só o pode fazer a vanguarda proletária organizada num partido revolucionário, insurrecional e internacionalista.

As massas exploradas de toda a África precisam uma direção que lute decididamente contra as direções traidoras, que não se adapte às frentes populares. A classe operária africana precisa uma direção revolucionária para poder romper definitivamente o cerco que lhe impõem essas direções contra revolucionárias. Uma direção que combata até o final para romper os pactos contra revolucionários se para isso precisa um partido revolucionário a sua frente. Precisa uma direção que una a luta revolucionária em cada nação africana com a luta antiimperialista em todo o continente, pois derrotando à burguesia e à frente popular, derrota-se ao imperialismo. Da existência da burguesia em cada país depende a existência e a fortaleza do imperialismo, porque que são astros gêmeos. Por isso é criminoso separar a luta revolucionária em cada nação com a luta contra o imperialismo e não podem ver-se estes processos revolucionários desde os limites estreitos das fronteiras nacionais, porque se acabou a época dos programas nacionais! Isto é, uma direção que não só una a revolução malgaxe com a de todo o continente africano, senão que a uma à revolução em Oriente Médio, na Europa, no continente americano e às massas exploradas do Pacífico.

Um partido da revolução internacional, que não lhe ceda nada à burguesia, que possa explicar às massas o roubo da frente popular e da revolução democrática burguesa, que as guie nas lições sobre como esmagar ao fascismo. Que encabece junto a elas a luta por destruir o regime burguês e suas instituições, para não deixar pedra sobre pedra desse regime infame. Que lhe tire o véu das direções traidoras para que nunca mais possam falar em nome da classe operária. Isto é, o destacamento de irredutíveis que encarne as lições revolucionárias de cada teste ácido da luta de classes a nível mundial.

Os operários revolucionários são os que, sacando as lições do cerco imposto às massas revolucionárias malgaxes, devem unificar

a luta que sustentaram os soldados de África do Sul com seus irmãos soldados malgaxes que desobedeceram a seus comandos e se negaram a reprimir às massas sublevadas. Recuperar os comitês de operários, camponeses pobres e soldados de Madagascar, e estendê-los a África do Sul, Zimbábue, Moçambique, para reabrir o caminho à revolução em todo o continente africano e que este seja um choque elétrico que sacuda desde os rincões mais longínquos da África negra ao conjunto do continente! Que abalem os estados, que expulse os piratas imperialistas que saqueiam as riquezas da África!

Estes operários revolucionários são os únicos que podem levar adiante um combate audaz para que o proletariado rompa com a nefasta política de colaboração de classes imposta pela frente popular do Congresso Nacional Africano, o Partido Comunista e o COSATU, e assim poderá o proletariado sul-africano pôr-se à altura da tarefa histórica que tem ante si, como vanguarda da revolução africana. Somente rompendo com a direção traidora de Nelson Mandela, patriarca da reconciliação com os escravistas, de deixar “atrás o passado”, poderá o proletariado de África do Sul e de todo o continente avançar no caminho de romper as tríplices correntes que o atam ao imperialismo, que não pode ser outro que o caminho da revolução socialista.

Para garantir a terra, o pão, o trabalho, a saúde, a educação, a moradia, a classe operária negra deve

pôr-se em pé de luta por derrotar as forças de ocupação do imperialismo e os exércitos lacaios das burguesias nativas, no caminho para expropriar os monopólios imperialistas, seus bancos, suas minas, suas maquilas, suas terras, para pô-las a produzir não a serviço dos interesses dos parasitos imperialistas das metrópoles e seus sócios menores, as burguesias nativas, senão da classe operária e os camponeses pobres da África. Somente pondo em pé organismos armados de autodeterminação para lutar pela tomada do poder e expropriando à burguesia, poderá a classe operária acaudilhar as massas exploradas de todo o continente para satisfazer ainda as mais mínimas necessidades.

Para isso deve contar com uma organização que, parafraseando a Trotsky, como um sistema nervoso perfeito, possa tencionar a todos e cada um dos destacamentos revolucionários do continente, desde Argélia e Tunísia até a África do Sul, desde Mauritània até a Somália. Organização que não pode ser outra que a seção africana da IV Internacional re-fundada. Essa é a tarefa que pusemos sobre nossos ombros os revolucionários da FLTI, com nossos camaradas de África do Sul e de Zimbábue na primeira linha deste combate.

6/04/2010.

RESOLUÇÃO DO SEGUNDO CONGRESSO DA FLTI

(1) Capital de Madagascar.



Trotsky e Lenine.



DECLARAÇÃO DE EMERGÊNCIA

FRENTE A UMA NOVA MASSACRE PERPETRADA PELO ESTADO SIONISTA-FASCISTA DE ISRAEL AGENTE DO AÇOUGUEIRO OBAMA

Cedo na manhã do 31 de maio de 2010, as tropas fascistas de Israel abordaram o comboio que levava a Gaza cadeiras de rodas, cimento e outros elementos para satisfazer necessidades básicas. Por via marítima o comboio procurava levar esta ajuda aos famintos e martirizados palestinos na Gaza. O exército sionista assassinou a sangue frio a 10 voluntários do comboio, entre eles a 6 voluntários turcos. Teve mais de 60 feridos. Os servidores públicos do governo turco revisaram o comboio por armas e pessoalmente registraram a cada indivíduo que estava nos barcos. Portanto, os relatórios dos meios de comunicação de Israel que diziam que lhes tinham disparado, são mentiras flagrantes. Inclusive, tinha alguns pacifistas israelenses no comboio que não teriam sido parte de nenhuma missão armada. Esta foi uma massacre planejada de voluntários desarmados, que se somou ao posterior assassinato de sete milicianos palestinos na fronteira de Gaza e Israel por parte do exército sionista-fascista de Israel.

Mais uma vez o Estado sionista fascista de Israel provoca uma ação contra revolucionária, contra um barco que de forma pacifista levava alimentos para romper o bloqueio que existe sobre a Gaza martirizada. Os fascistas israelenses fizeram o que melhor sabem fazer: massacrar ativistas desarmados. Se isto fizeram, atacando de noite aos ativistas pacifistas, inclusive representantes de forças burguesas, massacrando-os de forma brutal e a tiro limpo, que é o que não fizeram com as martirizadas massas palestinas! Esse Estado sionista fascista de Israel, gendarme do imperialismo em Oriente Médio, cansou-se de massacrar na nação palestina, usurpando-a, desapropriando e expulsando ao povo palestino de sua própria terra;

usando-o como escravo e mão de obra barata em sua própria pátria. As massas palestinas foram condenadas a viver como párias em sua própria terra, obrigando-as a viver em verdadeiros bantustanes e campos de concentração, tal qual o fizesse ontem o regime do Apartheid em África do Sul, ou Hitler com o gueto de Varsóvia contra os operários de religião judia na Europa ocupada pelos nazis durante a II Guerra Mundial.

Mais de 4 milhões de palestinos foram expulsados a Jordânia e massacrados pelo mesmo rei Hussein em seus acampamentos. Foram mil vezes invadidos no sul do Líbano pelas tropas assassinas do Estado sionista de Israel.

Uma política do imperialismo, seu gendarme Israel, as burguesias árabes e islâmicas, para manter o cerco às heróicas e martirizadas massas palestinas

Esta ação contra revolucionária procura sustentar o bloqueio a Gaza, onde as massas palestinas de operários e camponeses tiveram a valentia de sublevar-se contra a política ignominiosa de Al Fatah e a burguesia colaboracionista palestina, que sustentada pelo Partido Comunista desse país, apoiou os acordos de Oslo e a política de «dois Estados», onde aos palestinos lhes ficam campos de concentração em sua própria terra, onde somente se pode morrer de fome. Em mudança, aos colonos sionistas, armados até os dentes, e ao Estado fascista de Israel, fica-lhe a ocupação das melhores terras e de Jerusalém, a única capital da nação palestina.

Gaza foi cercada, como proclamasse o sionismo desde sua fundação e como o realizasse no sul do Líbano, em sua ofensiva contra revolucionária de 2002 contra a heróica revolução palestina, nos 80 'em Sabra e Shatilah, e em tantas outras massacres perpetradas contra as massas palestinas. Na Gaza no 2008-2009 se aplicou a «operação chumbo fundido». A consigna do exército sionista foi: «com um tiro mato dois» contra a mulher palestina grávida de 8 meses. Gaza hoje foi reduzida a entulhos, cercada pelas burguesias covardes islâmicas e árabes, e pela burguesia colaboracionista palestina, que procuram a rendição das heróicas massas palestinas.

Em 2006, as massas palestinas operárias e camponesas do sul do Líbano, com sua heróica guerra nacional, faziam-lhe morder o humilhante pó da derrota às tropas do exército sionista. A tragédia foi que a burguesia de Hezbollah utilizou esse enorme triunfo militar das massas palestinas no sul do Líbano, que em guerra civil de classes derrotou ao exército regular sionista contra revolucionário, para negociar sua entrada ao governo pro imperialista de Siniora e para compartilhar os negócios da reconstrução do Líbano junto ao imperialismo italiano e francês.

Um muro se levanta entre Gaza e os trabalhadores e o povo de Egito, que a cada passo tentou ser derrubado pelas massas palestinas procurando a unidade com os operários desse país. Na Gaza, em fevereiro de 2008, uma heróica sublevação derrubou o muro de Rafah para unir sua luta com a de seus irmãos de Egito. No entanto, esse muro foi levantado novamente pelo exército de Mubarak de Egito, servente do imperialismo ianque, e pelo mesmo Hamas que se negou a estender e desenvolver este novo levantamento revolucionário para liberar ao martirizado povo palestino em Gaza.

Assim, com operações como «chumbo fundido», com pactos contra revolucionários, com punhaladas pelas costas, com quinta coluna, tenta-se ajoelhar à classe operária e as massas mais combativas de Oriente Médio, como historicamente foram e são os explorados da nação Palestina.

Para derrotar ao imperialismo e seu gendarme sionista: Por um levantamento revolucionário do povo palestino e as massas árabes de Egito, Jordânia, Líbano e toda a região, para que Oriente Médio seja a tumba do imperialismo e o Estado sionista-fascista de Israel

Para o imperialismo, que com Obama proclama acordos «pacifistas» e «de respeito ao diálogo» com a burguesia colaboracionista palestina e que, a cada passo, inclusive chora lágrimas de crocodilo falando de «paz» –que mais nada é do que a paz dos cemitérios na Palestina ocupada– é chave que se mantenha cercada e achatada a Palestina martirizada. O Estado sionista de Israel e sua política contra revolucionária atual é imprescindível para manter e estabilizar às massas e à resistência iraquiana, que pusessem em xeque às tropas invasoras desde os combates e a resistência de Fallujah e das massas muçulmanas operárias e camponesas de Basora. O mesmo dispositivo contra revolucionário contra as massas palestinas é o que impôs com o imperialismo

turco, agora vestido de «pacifista», para lavar-se sua cara ante a classe operária de Turquia que se pôs de pé junto à classe operária grega. Com as tropas turcas entrando a Iraque pelo norte, Síria cercada à resistência sunnita em Bagdá, e os Aiatolás iranianos, junto com Al Sadr, fazendo que as massas do sul de Iraque entreguem as armas, consolidaram ao regime do protetorado ianque nesse país.

Enquanto, no Afeganistão, as tropas ianques reforçadas com novos contingentes, e com o exército alemão defendendo com baioneta calada a rota do ópio para a Bayer, já impulsionou um novo massacre, esta vez no vale de Swat no norte de Paquistão, para impedir que desde o sul desse país se abasteça à heróica resistência afegã.

Basta de lágrimas de crocodilos dos massacradores e os gendarmes dos povos de Oriente Médio! Fora as tropas imperialistas ianques e alemãs do Afeganistão! Basta de submeter à heróica resistência iraquiana às burguesias

muçulmanas e aos Aiatolás, agentes do imperialismo francês, alemão e italiano! Fora o exército assassino de Turquia do norte de Iraque!

Abaixo o cerco a Gaza e ao conjunto da classe operária e as massas palestinas, que fervem por entrar ao combate desde Jordânia, desde o sul do Líbano, desde a Cisjordânia dos operários palestinos que fossem entregados como escravos às fábricas das empresas imperialistas e do sionismo em Israel, pela covarde burguesia palestina em troca de uma comissão de uma exploração operária!

Basta de atar-lhe as mãos à maioria dos operários de Jerusalém que combatem sob as bandeiras palestinas!

Chamamos a todo operário judeu com consciência de classe, a romper com o sionismo, romper com a Histadrut, unir-se aos sindicatos palestinos e ao combate pela destruição do Estado sionista de Israel.

Para que as massas palestinas comam, rompam o bloqueio, reconstruam sua nação e recuperem sua terra: o Estado sionista-fascista de Israel deve ser demolido pelo triunfo duma revolução operária e camponesa das massas palestinas, que retomem as armas rompendo com o governo pró-imperialista de Siniora no Líbano, que se armem desde os acampamentos palestinos de Jordânia, onde a monarquia assassina lhe tirou os direitos de cidadãos aos filhos de palestinos perseguidos e assassinados pelo sionismo.

Que se levantem como em 2001 e 2002 as massas palestinas tomando as delegacias da OLP e armando-se da canalha e servente burguesia que entregou a seu próprio povo ao massacre e à escravatura do Estado sionista de Israel! Que se levantem os operários da Jerusalém ocupada! Que estoure em Teheran a revolução iraniana contra a burguesia covarde dos aiatolás, agente da Merkel e Sarkozy!

Que voltem os combates em Fallujah! Que voltem os soldados ianques em sacos pretos de Iraque, Paquistão e Afeganistão!



Hoje as massas do Líbano, Jordânia, Egito, Irã, etc., levantam-se, pondo-se em posição de combate, para defender a seus irmãos de classe palestinos e pela destruição do Estado sionista-fascista de Israel. Que se armem já milícias de operários e camponeses de todo Oriente Médio para derrotar aos açougueiros imperialistas e a seu gendarme o Estado fascista de Israel! Que se levantem as massas operárias e camponesas de Irã contra o regime dos Aiatolás, fiadores do protetorado ianque em Iraque e sustentadores de Sinióra no Líbano! Que se levante Cazaquistão e Uzbequistão, seguindo o combate e a revolução dos operários de Quirguistão, que terão em suas mãos a tarefa de tomar a base ianque que massacra em Swat no norte de Paquistão e às massas afegãs! Há que tomar as bases russas, desde onde partem as tropas assassinas de Alemanha que, como Rommel na África do norte na Segunda Guerra Mundial, hoje levam a cabo os piores massacres no Afeganistão a conta da Bayer e dessa cova de exploradores e assassinos da burguesia imperialista alemã!

Tudo Oriente Médio deve ser a tumba das tropas invasoras imperialistas e do Estado sionista fascista de Israel!

O bloqueio contra Gaza não se rompe, como fica demonstrado, com ajuda humanitária, senão que se romperá com uma Assembléia Nacional Operária e Camponesa de toda a Nação palestina, desde o sul do Líbano a Cisjordânia e Jordânia. Uma assembléia nacional palestina de operários e camponeses onde envie delegados a heróica resistência do Afeganistão, Paquistão e de Iraque; que garanta e centralize as guerras nacionais contra as tropas invasoras e prepare uma nova ofensiva revolucionária para não deixar pedra sobre pedra do Estado fascista de Israel. Uma assembléia nacional palestina de operários e camponeses que opine e proclame atirar o míssil mais poderoso, que somente possui a classe operária de todo Oriente Médio aliada ao proletariado mundial, que é o da expropriação de todas as empresas petrolíferas imperialistas, da banca e todos os monopólios que saqueiam Oriente Médio.

Chamamos à classe operária de Egito a organizar-se imediatamente e a derrubar as fronteiras em Rafah!

Chamamos à classe operária de Jordânia, Líbano e Síria a derrubar as fronteiras e os postos de controle do Estado artificial de Israel, para permitir-lhes aos refugiados palestinos voltar a seu lar. Chamamos a uma reunião imediata de delegados operários e camponeses pobres palestinos dos comitês de base por sobre a «linha azul» (fronteira entre o Líbano e Israel) e de todos os acampamentos de refugiados desde Gaza até Cisjordânia, Jordânia, Síria, Líbano e de todas partes, para unificar a luta pela destruição do Estado fascista de Israel.

Assim, Oriente Médio, será a tumba das tropas invasoras.

A chave para romper o cerco às massas palestinas a tem o proletariado dos países centrais, de Estados Unidos, de Europa e Japão para, como ontem no Vietnã, derrotar ao imperialismo desde dentro mesmo da besta imperialista, para paralisar a maquinaria

de guerra, e para abastecer de alimentos, medicamentos e de armas à heróica resistência palestina, afegã, paquistanesa e iraquiana.

O triunfo das massas palestinas está nas mãos da classe operária internacional!

Esta é a enésima vez que os fascistas de Israel massacram a inocentes desarmados. Todos os reformistas e pacifistas chamam à expulsão dos embaixadores israelenses e a que deveríamos deixar de comprar abacate e peras israelenses. Como é que o consumidor passivo, decidindo não comprar uma laranja, ou expulsando a um servidor público, faz que a maquinaria fascista deixe de matar a

palestinos ou inclusive um carregamento com ativistas? O único efeito daqueles apelos é o de dar-lhe aos diferentes sindicatos e dirigentes operários uma desculpa perfeita para esconder-se por trás dela e assim não mobilizar para realizar uma ação operária coletiva contra as forças imperialistas que sustentam ao fascismo em Oriente Médio.

Todos os reformistas promovem o mito de que o boicote e as sanções ajudaram a liberar a África do Sul. Isso é uma mentira. O imperialismo somente começou

a sacar seus fundos da África do Sul quando a ameaça da revolução estava sobre eles e corriam o risco de perdê-lo tudo. Usaram-se BDS (sanções de boicote e desinvestimentos) como um meio para isolar às massas revolucionárias na África do Sul, porque a classe operária foi adormecida e posta na passividade de boicotar as maçãs de África do Sul e de fazer vários protestos «otimistas» fora de algumas embaixadas. A ação de greve contra a África do Sul do «apartheid» foi impedida pelas direções traidoras.

Chegou a hora de terminar com o pacifismo impotente e chamar à classe operária mundial a pôr-se de pé com uma greve geral internacional imediata contra o cerco a Gaza, contra o muro e os postos de controle em Cisjordânia, pela volta dos refugiados palestinos, pela destruição do Estado fascista de Israel e por uma Palestina unificada. **Chamamos aos operários de Norte América e Europa a ser a ponta de lança do movimento contra os açougueiros imperialistas e o Estado fascista de Israel, unindo aos trabalhadores imigrantes e locais como assim também aos soldados rasos, para dirigir uma greve geral contra o fascista Israel, que se converta numa jornada de luta internacional, que ataque a propriedade privada dos banqueiros, as petrolíferas e restantes parasitas imperialistas, que são os que mantêm o cerco a Gaza e saqueiam aos povos de Oriente Médio e o mundo.**

A classe operária internacional deve compreender que já estão soando os tambores de guerra. O presidente alemão deve renunciar porque revelou publicamente a grande quantidade de tropas de seu exército despregadas no Afeganistão, defendendo os interesses do imperialismo alemão nessa região. Coréia do Sul e os vedores da



Turquia. Enfrentamentos na frente do Consulado do Israel

ONU anunciam já que Coréia do Norte lhe afundou um cruzeiro aos lacaio do imperialismo ianque e japonês de Coréia do Sul, quando são eles, com suas bases militares ianques os que ocupam como uma colônia à península de Coréia.

Novos contingentes militares já foram volcados a Afeganistão. O sionismo assassino, como agente imperialista, deve forçadamente atacar. O imperialismo em crise total e bancarota de seu próprio capital financeiro, parasitando-se a si mesmo, saqueando os Estados para pagar as perdas de seus bancos e suas empresas, e nacionalizando essas mesmas perdas para que as pague a classe operária, já anuncia que não poderá sair de sua crise sem guerras. E isso é o que prepara esse Bush tisonado de Obama no Afeganistão, contra Irã e contra Coréia. Obama não faz mais do que continuar a ofensiva imperialista traçada por Bush-Cheney contra o suposto «eixo do mal» para controlar as enormes reservas de petróleo das repúblicas muçulmanas da ex URSS. Isto demonstra que o regime dos «Republicrátas» com seu governo, agora de Obama, nada mais é do que a continuidade da mesma política de Bush disfarçado de um terno «edulcorado» e «democrático» para melhor defender seu domínio bonapartista do planeta. Não permitamos que os bandidos imperialistas desviem ao proletariado mundial fazendo enfrentar aos operários contra operários, já que procuram abrir o caminho a uma guerra inter-imperialista para ajudá-los a sair de sua crise.

Pela derrota das tropas imperialistas ianques e alemãs no Afeganistão, Iraque e em tudo Oriente Médio!

Por um governo revolucionário operário e camponês numa Palestina livre, laica e democrática, que só se conquistará íntegra e definitivamente como uma Federação de Repúblicas Operárias e Camponesas em todo Oriente Médio!

A classe operária tem o poder em suas mãos para romper o cerco a Gaza. Para isso há que romper o submetimento que lhe impôs o ELAC, o Fórum Social Mundial e seus serventes ao movimento contra a guerra em EUA e à Marcha do Milhão de Operários, que os puseram aos pés do Partido Democrata e desse continuador contra revolucionário da política de Bush que é Obama.

Que se ponha de pé a Marcha do Milhão de Operários! Os operários norte-americanos têm a obrigação de pôr-se de pé junto a seus irmãos de classe de Oriente Médio, carregando todos os navios que levem alimentos, medicamentos e armas para a resistência palestina, iraquiana, afegã e paquistanesa! Devem paralisar de novo os portos de São Francisco e da costa oeste para impedir que nem um só barco saia com material de guerra para o exército sionista de Israel e restantes exércitos contra revolucionários que massacram às massas exploradas do planeta!

Que se parem novamente e esta vez com piquetes e milícia operária os portos da Grécia imperialista, desde onde se abastece militarmente o exército sionista por parte do imperialismo anglo-ianque!

Que se ponha de pé a classe operária de Egito, derrubando o muro do opróbrio e a escravatura que separa aos trabalhadores palestinos de seus irmãos de classe egípcios! Uma só classe e uma mesma luta contra o Estado sionista e o imperialismo invasor!

Chamamos a uma frente única de todas as organizações operárias que dizem falar em nome dos trabalhadores a levar adiante a luta por romper o cerco aos palestinos, a fazer o chamado e organizar efetivamente uma greve geral e imediatamente bloquear ao fascista Israel.

A classe operária da Europa que enfrenta o ataque dos imperialistas que lhes querem fazer pagar os custos de sua crise, tirando-lhes seus postos de trabalho, salários, pensões, educação, saúde, etc. já está em pé de guerra. As aristocracias e burocracias

operárias tentam cercar a sua vanguarda: o proletariado grego que saiu de imediato, junto ao proletariado francês, espanhol, inglês, turco, italiano, etc., a ganhar as ruas em repúdio ao ataque do exército assassino de Israel. Esse é o caminho! Há que romper o cerco a Grécia para que a classe operária europeia possa brigar junto a seus irmãos de Oriente Médio! Há que romper o cerco a Gaza! Por uma ação unificada da classe operária internacional



Grécia. Marcha no Atenas contr o novo ataque sionista

que ataque a propriedade dessa banda de parasitas que são os banqueiros e monopólios chupa-sangue que massacram e saqueiam os povos do mundo!

Pela destruição do Estado sionista fascista de Israel, gendarme do imperialismo no Oriente Médio!

Por uma Assembléia Nacional Palestina de operários e camponeses para conquistar uma Palestina unificada laica e democrática!

Por uma Palestina soviética!

Por uma Federação de Estados Soviéticos do Oriente Médio!

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

INTEGRADA POR:

- LIGA OPERÁRIA INTERNACIONAL DE VANGUARDA (WIVL), DA ÁFRICA DO SUL
- LIGA REVOLUCIONÁRIA INTERNACIONAL (IRL-FI), DO ZIMBABUÉ
- LIGA TROTSKISTA INTERNACIONALISTA (LTI), DO BOLÍVIA
- LIGA TROTSKISTA INTERNACIONALISTA (LTI), DO PERU
- LIGA OPERÁRIA INTERNACIONALISTA - DEMOCRACIA OPERÁRIA (LOI-CI), DA ARGENTINA
- PARTIDO OPERÁRIO INTERNACIONALISTA (POI-CI), DO CHILE
- FRAÇÃO TROTSKISTA – VANGUARDA PROLETÁRIA (FT-VP), DO BRASIL

Operários da Têxtil David Whitehead baixo ataque

domingo, 23 de maio de 2010, 10:11.

Os operários despedidos da empresa têxtil David Whitehead estão novamente sendo vitimados pela empresa em aliança com o regime do ZANU-PF. A empresa fez uma demanda civil contra o Presidente (James Sakala) e o vice-presidente (Tediuous Mawetu) do comitê operário por um suposto assalto, mas este assunto foi sacado da corte. Depois a patronal persuadiu a seus amigos do ZANU-PF para que manobrem levar a cabo um caso criminoso contra os dois dirigentes operários pelo acusado assalto ao CEO Tondepi Andrew da empresa têxtil.

A cada operário se lhe devem centos de dólares norte-americanos por parte da patronal, que só pagou Ou\$S 300 a alguns operários. Nega-se a pagar-lhe ao presidente e a seu vice para incitá-los a que apresentem um caso para que se tomem os ativos da empresa em lugar do dinheiro que se lhe deve aos operários.

O caso criminoso que foi posposto para a sexta-feira 28 de maio de 2010 estava programado para ter a audiência o 21 de maio de 2010 no juízo dos magistrados de Chegutu (Kadoma) mas o demandante (o empregador) não se apareceu. A disputa trabalhista, que é o osso de contenção e agora ante arbitragem similarmente foram pospostas para a segunda-feira 24 de maio de 2010.

Chamamos a mensagens de protesto contra o regime de Zimbábue, ministro de justiça ao 263 -4-734920/ +263-4-774620-7. Ministro de trabalho ao +263-912-924155, Diretor da Têxtil David Whitehead Têxteis ao +263-912-243882 e que se enviem mensagens de solidariedade a sociallabour@gmail/.com ou ao +263-733-295722. ¡Apoio à tomada dos operários da Têxtil David Whitehead! ¡Unam-se à luta pelo controle operário dos meios de produção! Unam-se à luta contra o ataque aos operários por parte do regime do ZANU-PF, serventes do imperialismo! ¡Abaixo o falso poder negro, um projeto para fazer-se ricos eles, os esbirros do ZANU-PF e as elites no denominado governo de unidade nacional, que não é nada mais que um punhado de saqueadores milionários, carreiristas e individualistas! ¡Por um governo operário e camponês já! ¡Nacionalização de todas as empresas que fechem, vitimassem e paguem salários de escravos, congelem salários, e PÔ-LAS sob controle operário, NÃO sob o controle do ZANU-PF, políticos ou das elites! ¡Operários, estudantes e jovens: unam-se contra os ataques sistemáticos do imperialismo capitalista! Hoje são na Têxtil David Whitehead, amanhã serão em sua empresa ou escola. ¡Levante-nos em defesa de nossos trabalhos e nosso futuro! ¡Basta de vitimar de operários em Zimbábue! ¡Abaixo a criminalização das lutas operário-estudantis! ¡A brigar! A luta pelas demandas democráticas verdadeiras recém começa. É uma guerra de classes, uma guerra pela conquista do poder por parte da classe operária. Que a classe operária concentre todas suas forças de destruição contra o poder do estado e considerar ao problema como um só, não de aperfeiçoar a maquinaria estatal, senão de rompê-la e aniquilá-la. ¡Uma classe, uma luta!

INTERNATIONAL REVOLUTIONARY LEAGUE – FOURTH INTERNATIONAL (IRL-FI) OF ZIMBABWE

MEMBER OF THE INTERNATIONAL LENINIST TROTSKYIST FRACTION

Campanha pela imediata anulação dos processo dos trabalhadores da têxtil David Withehead no Zimbábue

Da Argentina:

Organizações Operárias e estudantis:

-Darío Catrihuala, operário petroleiro da Las Heras (ex preso político, hoje sob processo judicial)

-Seis operários de Brukman, fábrica têxtil recuperada pelos trabalhadores.

-Comitê de delegados do Subte (Metrô de Buenos Aires): Néstor Segovia y Roberto Pianelli

-Chapa Laranja de Paty Quickfood: David Soria, Hugo Costilla y Pascual Villacorta (Delegados)

-Hospital Posadas: Luis Canivesky Comissão Diretiva da Associação de Profissionais, Mercedes Burgos, pela Comissão Diretiva de ATE (Associação de Trabalhadores do Estado), Morón Branch; Pablo Karaim Comissão Diretiva do STS (Sindicato dos Trabalhadores da Saúde), Cuello Adrián da Comissão de Direitos Humanos, Luis Gucho, da Associação Marrão de Trabalhadores, Rosa P., da Associação Multicor de Trabalhadores; Mario Baez da Associação Violeta de Trabalhadores.

- Federico Marengo e Gerardo Robbiano: delegados demitidos da Bosch

-AMSAFE do Rosario: Juan Pablo Casimo, Natalia Chelti

-Cooperativa "La Toma" do Rosario: Héctor Mochila Mon, Marcelo Gutiérrez

-Esteban Perez Torres, Presidente do Centro de Estudantes da Faculdade de Literatura e Psicologia, Universidade de Buenos Aires

-Juan Oribe, Vice-presidente do Centro de Estudantes da Faculdade de Literatura e Psicologia, Universidade de Buenos Aires

-Javier Zolotow, Presidente do Centro de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires

-Germán Feldman, Consiliário Estudantil do Conselho Diretivo da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires

-Patricio Corro, Secretário Geral do Centro de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires

-Cristian Jurado, Presidente do Centro de Estudantes do Terciário "Joaquín V. González"

-Patricio Finoli, Conselho Diretivo do Terciário "Joaquín V. González"

-Movimiento Al Socialismo (MAS): Ignacio Chaucín

-Partido Obrero: Tomás Verbrulche, Nazareno Matenao, Gustavo Castaño, Federico Baltrami, Sergio Copperotti

-Agrupação Tupac: David García, Maximiliano Venturini

-Partido Dos Trabalhadores pelo Socialismo (PTS): Jesica Calcagno

Do Chile:

-Pablo, Da União Patriótica Estudantil (UPE)

-Julián Castillo, da Assembléia Coordenadora de Estudantes Secundários (ACES)

-Seis camaradas companheiros da Escola do Ensino Meio "Confederação Suíza"

Viva o poder operário nos portos e nos trens!



Trabalhadores da construção civil em greve na África do Sul

Saudamos aos operários portuários e ferroviários por seu heróico sacrifício e luta contra a patronal de Transnet, Prasa e o governo do CNA. Que formosa cena ver a todos os barcos alinhados no mar e os depósitos de containers empilhados até sua máxima capacidade. Vejam sua força e sentam seu poder: nada se move a não ser que os operários o digam. Esta é uma classe contra os monopólios que agora não têm poder enfrentando à unidade e o poder dos operários. Agora podemos ver claramente o parasitismo da patronal do CNA e os grandes capitalistas, que não fazem nada exceto pagar-se entre eles milhares de milhões que sacam do sangue e o suor operário. É tempo de parar-se firme. Durante muito tempo os capitalistas foram cruéis, demitindo operários a duas mãos quando não nos precisavam mais, os capitalistas se preocupam mais sobre seus próprios lucros que pelos operários e suas famílias. Temos o poder em nossas mãos; devemos usá-lo; os capitalistas nos precisam, mas nós não os precisamos a eles. Os capitalistas e suas imprensas se queixam sobre suas perdas nas exportações, mas não dizem nada de que seus lucros estão baseados na super exploração das granjas, dos salários de 200 rands para os operários rurais, o sistema dop, o uso de nossos irmãos imigrantes como semi-escravos, o uso de trabalho infantil, a contínua violência contra a classe operária rural, etc.

Agora podemos ver claramente como o CNA nos tem mentido, prometendo trabalho decente, mas negando-se a passar aos 5000 operários contratados a permanentes, não podem nem garantir-lhe aos operários os mesmos benefícios que aos gerentes; não podem conceder um mísero aumento salarial de 15%. Por que deveria ter uma aliança com eles quando eles pisoteiam nossos direitos democráticos? Devemos ser precavidos sobre os falsos dirigentes dentro de nós, que agora cantam as canções dos patrões de que nas negociações se trata de “dar e receber”. Os operários têm dado seu sangue e suor por muitos anos enquanto os patrões têm recebido

lucros o tempo todo. Quando somos velhos nos atiram sem nada; quando não nos precisam nos atiram como cachorros.

A patronal está tratando de contrabandear seus bens agora via os aeroportos e a baía de PE; precisamos bloqueá-los. Saudamos às bases do Utatu que seguem em greve e aos que estão tendo reuniões para vir apoiar a greve; seus dirigentes os traíram com o chamado ao sistema de 24 horas que recorta as horas extras –a patronal de Prasa já está celebrando a poupança de 250 milhões de rands que os dirigentes de Utatu lhes deram-, o qual é um verdadeiro rebaixamento de salário disfarçado de aumento.

Pelo poder operário! Pelas legítimas demandas democráticas dos trabalhadores! Pelas greves de solidariedade para apoiar as demandas operárias! Quebrems a aliança com os anti-operários do PCSA e o CNA, o principal obstáculo que cobre à grande patronal das lutas operárias.

Chamamos a reuniões operárias de emergência com delegados de todos os locais de trabalho, delegados da juventude revolucionária, dos desempregados e das bases dos soldados. Delegados da classe operária da região, por um programa de ação de massas, uma verdadeira greve geral; para abrir o caminho ao poder operário! Abaixo a ditadura militar em Suazilândia, Lesoto, Zimbábue! Abaixo os governos capitalistas da região, agentes do imperialismo! Quebrems o cerco de Madagascar!

Por uma Federação de Estados Socialistas Soviéticos do Centro e Sul da África!

QUARTA-FEIRA, 26 DE MAIO DE 2010, 6:42.

WORKERS INTERNATIONAL VANGUARD LEAGUE (WIVL),
INTEGRANTE DA FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA
INTERNACIONAL